

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escriptorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Rejubilamo-nos com a gratissima noticia de estar o sr. Affonso Penna preparando as malas para uma excursão ao norte.

Em vez de consumir os oito mezes de liberdade, de que ainda dispõe antes de lhe cair sobre os hombros a cruz do supremo governo, em villegiatura na Europa, s. ex. deliberou com muito acerto fugir do pezado ambiente politico do Rio de Janeiro para, preservado de emanações colligadas, meditar na organização da sua familia administrativa, os companheiros tripulantes da canôa que s. ex. vae aventurar no perfido mar da politica, para fixar o seu plano de governo subordinado á salutar idéa de começar bem para acabar melhor. Quando o primeiro passo é dado com firmeza e bôa orientação, as difficuldades da causa são facilmente vencidas. A primeira pancada é que matará o venenoso reptil que anda a embaraçar os movimentos dos administradores republicanos.

S. ex. deseja tambem conhecer *de visu* os Estados que não teem interesses immediatos na valorisação do café e por isso occupam plano inferior na perspectiva dos proceres da politica, organizada em torno desse problema em fóco, como pedra philosophal da nossa organização financeira.

E' natural que o futuro Presidente, nessa viagem de instrucção pessoal, procure verificar a causa real da decadencia dessas circumscripções administrativas, outr'ora florescentes provincias, reduzidas actualmente, com honrosas excepções, a burgos pobres, representadas por um ignoto pessoal de fancaria, que relembra pelo triste contraste os grandes homens dos ominosos tempos, os homens de traço rutilante na politica, nas letras, nas immorredouras irradiações do pensamento, os Rio Branco, Cotegipe, S.

Lourenço, Saraiva, Macedo Costa, o immortal bispo do Pará, marquez de Santa Cruz, de Paranaguá, de Olinda, João Alfredo, Camaragibe, os Cavalcantis illustres, Furtado, Vieira da Silva e muitos outros de subido quilate, perpetuados na historia como constructores da grandeza, do caracter, da honra da nossa Patria.

S. ex. procurará saber por que systematica inversão da noção dos interesses locais e dos interesses collectivos da Republica, se obstruiu o sulco aberto por esses benemeritos cidadãos; por que incorrigivel cegueira fôram elles substituidos por uma legião de creaturas, surgidas das aventuras da politicagem, sem precedentes de trabalho civico, sem valor accentuado como si a autonomia conquistada pela victoria das instituições democraticas, tivesse trancado ao merecimento o accesso ás eminentes posições officias.

Procurará saber ainda porque se esgottam as maravilhosas fontes de producção desse norte rico e heroico; por que canaes subterraneos se escôa o fructo do trabalho daquella população aguerrida na lucta perenne contra as inclemencias do clima, na conquista incessante dos thezouros que a natureza entornou profusamente nas entranhas daquelle sólo abençoado, talado pelo imposto implacavel sob todas as fórmulas barbaras da ganancia fiscal, odienta e torpe.

Si s. ex. se não deixar asphyxiar pelas zumbaias, si não se deixar entoxicar pelo incenso da bajulação, do qual já estão repletos os thuribulos dos tacanhos donatarios de alguns dos Estados do norte; si a sua visão de estadista não fôr perturbada pelas festas hypocritas, pelos canticos fervorosos que elles entôam, sem discrepancia, a todos os victoriosos, verificará que esses Estados, de ninhos d'aguias, se transformaram em gallinheiros da politicagem voraz, insaci-

avel, nos quaes tripudiam os representantes de olygarchias omnipotentes, teúdas e manteúdas em doce concubinato com o Governo Federal, prodigo em favores, em concessões, incapaz de lhe negar quanto exijam para lhes assegurar a estúpida prepotencia.

Julgando imparcialmente a situação de alguns dasses Estados, rebaixados á abjecta condição de feitorias, o sr. Affonso Penna adquirirá a dolorosa convicção de que a população delles vive garroteada no exercicio de todos os direitos, não dispendo dos meios naturaes de defeza, não tendo a quem recorrer porque a justiça está nas garras dos mandões, que a distribuem conforme as inspirações do seu maligno capricho, conforme as exigencias inexoraveis dos interesses dos seus asséclas.

Ainda rescende nauseabunda a podridão dos escandalos eleitoraes do pobre Ceará; commovem as pedras os protestos de 4.650 eleitores excluidos das urnas pelas trapaças servis da Junta de recursos, posta nas mãos do patriarcha accioly no como um bacarmarte, e agóra mesmo, no momento em que escrevemos estas linhas, repercutem na imprensa fluminense as vózes angustiadas do commercio cearense, esfolado por um monstruoso imposto de consumo, succedaneo dos outros mallogrados pela salutar intervenção do Supremo Tribunal Federal.

Em vinte dias, de 10 a 30 de janeiro, a collecta dessa contribuição, sem precedentes na historia das extorsões immoraes, forneceu algarismos que lhe pintam eloquentemente a iniquidade.

O presidente da Associação Commercial do Ceará mencionou no *Jornal do Commercio*, de 29 do corrente, factos que bastam para a condemnação desse imposto estiolador de todas energias do productur; elle indicou commerciantes onerados com quotas mensaes que lhes absorvem

todos os lucros legitimos. Assim temos que :

Emilio de Sá, (padaria) paga...	5:368\$000
Costa Freire.....	4:753\$400
Joaquim Sá, (refinaria).....	4:183\$000
João da Costa Bastos & Filho...	3:390\$000
Marques Dias & C.....	3:027\$000
Frota & Gentil.....	2:257\$200

O garrote do fisco não tem limites ; afina-se pelo diapasão da ganancia da infinita familia, cuja moxila não tem fundo e váe apertando todos os mezes na razão directa da vehemencia dos protestos das victimas, que são os operarios da riqueza do Estado.

Accrescenta o sr. representante do commercio cearense que os seus companheiros de infortunio não estão sujeitos sómente a essa inqualificavel contribuição: além dos impostos federaes, das taxas municipaes, floresce o imposto de industria e profissão, e tão brutalmente são oneradas «algumas casas que não ficariam quite com o fisco estadual si lhe entregassem todo o seu *stock*, tendo transacções limitadas e gyrando com pequeno capital.»

Ahi, nessa politica sem entranhas, sem idéaes, sem descortino patriótico, encontrará o sr. Affonso Penna a causa essencial desse descalabro que envergonha as instituições democraticas e váe avolumando essa atmosphera de odio, de queixas legitimas, de clamores dos direitos perversamente conculcados, que explodirá em tormenta pavorosa nos futuros dias do seu governo, si não fôr conjurada pelos remedios constitucionaes, pelo prestigio do unico poder snbsistente na Republica.

*
* *

Applaudimos, sem restricção, o passeio do sr. Affonso Penna aos Estados do norte. S. ex. váe ver coisas do arco da velha, coisas dignas de estudo, suggestivas como indícios de degenerescencia social, coisas dignas, meritorias ; s. ex. regressará informado, esclarecido, edificado para emprender resolute, num assomo patriótico, o esmagamento da hydra, a politica dos governadores.

E com esse vislumbre de esperanza, auguramos a s. ex. boa viagem.

POJUCAN.

A PHILOSOPHIA DO FUTURO

ARCHITECTONICA DUALISTICA

Antes, porém, de procedermos ao estudo das duas correntes philosophicas que a esta hora dominam o pensamento brasileiro, consagremos, em ligeiro parenthesis, algumas linhas á concepção dualistica, que vindo de Socrates e Platão, abre, ao longo do seu desdobramento, um tão largo capitulo á philogenese espiritual contemporanea.

Apezar de ser por demais dubitavel que a intuição *socratica* tivesse ido além das entidades moraes, do bem e do bello absolutos, do deus da razão, das causas finaes e da providencia, é, todavia, naquella intuição architectural do *kosmos* que o espirito de analyse percuciente váe encontrar em seus primeiros balbucios o idéal racionalista que creou a Idéa absoluta na natureza, tal como ella surgiu com Platão, e o estranho *macrokosmo*, gerador e denominador dos phenomenos, que, para Aristoteles, é o primeiro motor, a *vis suprema* da vida collectiva.

E é por isto que, modernamente, á critica, elevada á categoria de sciencia, foi dado evidenciar como emanante do *conhece-te a ti mesmo* daquelle que foi o mais sabio dos homens, a juizo do oraculo de Delphos, a theoria do conhecimento em geral, tão bem comprehendida, propagada e desenvolvida por Henophano e Platão, Aristheno e Aristippo, Phédon, Euclides e Criton.

A doutrina de Socrates, que, aos olhos de Henophano, constituiu uma especie de *anthro-pomorphismo metaphysico*, nos fornece ainda a natureza das forças que lhe deram origem :—a herança espiritual do esculptor de quem elle proveio e a influencia nelle exercida pelo mundo ambiente, que o domina e o enleva.

Ha, effectivamente, na harmonia do conjuncto de sua intuição architectonica alguma coisa de semelhante á harmonia das linhas á feição do estuario. Assim como a esculptura modela os contornos, tendo em vista a co-relação dos traços, assim tambem a philosophia socratica erige em blóco o idéal da razão philosophante de accordo com a co-relação dos actos humanos conformes á dignidade das almas superiores. E si, na philogenese da arte, a esculptura permanece como uma phrase interjectiva, tambem na historia do espirito humano, em seu movimento ascencional para a plenitude da verdade, a theoria de Socrates continúa a dominar como uma phrase interrogativa todo o desenvolvimento philosophico da humanidade. E, de sua doutrina, exposta em tão bello

estyllo de bronze, resalta egualmente phenomeno identico ao vibrado pelas artes directamente representativas : a plenitude do *eu* em seus desdobramentos mentaes, emocionaes e volitivos. Foi, com effeito, arrastado por aquelle surto do pensamento para o Idéal, que Platão, deslumbrado pelas magnificencias do sólo e do céu da Hellade, fundou á sombra das arvores a sua academia, de cujo seio saíram os maiores pensadores do seu tempo, que se elevaram ao absoluto pelas sublimidades de suas theorias, coefficientisadas pela belleza de seus genios e expoentisadas pelos conhecimentos metaphysicos que nos fizeram contemporaneos dos seculos futuros.

Dissemos que foi de Socrates e Platão que partiram as primeiras pesquisas em prol da estrutura theorico-philosophica do conhecimento. Que é theoria do conhecimento? Entendemos e entende-se em geral por theoria o conhecimento que se prende á especulação, sem, todavia, attingir o dominio da pratica, de modo que ás leis, aos principios de uma arte ou sciencia, se dá o nome de theoria.

Desta arte, a theoria do conhecimento vem a ser o ponto de vista especulativo que surge da assimilação do cognoscente ao cognito, tomando as proporções e modelações das coisas, phenomenalizando-se, não segundo um ente real, mas de conformidade com um ente intencional.

Para Condillac, o conhecimento não é mais do que um resultante da sensação, ou, melhor — elle é a propria sensação transformada. «*Les facultés de l'âme naissent successivement de la sensation, que se transforme pour devenir chacune d'elles.*»

Comte e Stuart Mill circumscrevem ao ambito dos phenomenos as bases do conhecimento, e Descartes concebeu as idéas primarias despertadas pelas circumstancias do mundo, emquanto Leibnitz distinguio a sensação nata e as leis da razão innatas.

Neste particular, teremos de ver que a verdade philosophica produziu em Kant a sua mais bella eclosão, O auctor da *Critica da razão pura* estabeleceu que a razão é a faculdade de conceber, segundo certas categorias, as coisas que nos vêem pelos sentidos, de modo que o conhecimento é a faculdade suprema da intuição scientifica. Essa razão, base do conhecimento, deve ser considerada por duas faces : a *theorica*, que se limita a perceber a verdade, e a *pratica*, que applica a verdade theoretica á operação ou á experiencia. Mas, como se vê, essas duas faces não importam duas faculdades distinctas, mas tão sómente duas funções da mesma faculdade. Entretanto, o que é incontestavel é que a questão do conhecimento, que deu origem á phase

dualistica, encontrou na philosophia de Aristoteles a theoria do espiritalismo cognitivo, que tantos pontos de contacto offerece com a moderna intuição da verdade scientifica.

Amalgamando, na doutrina do conhecimento, a materia do conhecimento e a fórma do conhecimento da philosophia *kantesca*, o espirito philosophico faz partir da primitiva phase dualistica as modernas concepções ontologica, methodologica, idéologica e phenomenista.

E é por isso que, subindo a corrente do pensamento, surgem dos contornos das doutrinas contemporaneas reminiscencias de atavismo espirital, que são outros tantos phenomenos de disteleologia evolucional, insubmissos á lei do perpetuo *feri* do desenvolvimento. E' que o idéalismo hellenico não succumbiu de todo aos golpes vibrados pela civilização classica. Não.

Elle renasceu em França, ao desdobrar dos seculos, com a philosophia cartesiana, e Descartes é o Platão dos tempos modernos. O proprio idéalismo de Leibnitz não differe sensivelmente do de Descartes, e para Kant os phenomenos continuam a ser objectos intuitivos, sensíveis.

Despindo a roupagem da metaphysica hellenica, a velha ontologia philosophica passou a ser o conhecimento do processus evolutivo dos organismos viventes; a idéologia, a doutrina referente ás faculdades intellectuaes do homem no attinente á sua origem; a methodologia, o conjuncto dos processus racionaes empregados com determinado objectivo, e a doutrina phenomenista, a imitabilidade das leis universaes em suas multiplas e variadas manifestações.

E' que, despindo, ás portas do seculo dezoito, as suas armaduras de aço, as doutrinas especulativas da idade média transformaram-se, ao influxo das concepções dos novos *hylosoistas e phenomenistas*, nas duas grandes correntes intellectuaes dominantes do *kosmos philosophico*.

O como e o porque adeante veremos.

PRADO SAMPAIO.

RECEBEMOS:

— *La Chapelle de l'Humanité à Paris*, circulaire adressé par R. Teixeira Mendes aux occidentaux qui ont contribué à racheter, pour être consacré au culte de l'Humanité, la Maison où est morte CLOTILDE.

— *Atala*, de Chateaubriand, traducção portugueza do sr. K. de Alencar; edição da casa Garnier.

— *Liberdade profissional*, pelo sr. Sousa Pinto, do Recife; é o segundo da série *Estudos sociaes e politicos*.

O auctor sustenta, com grande copia de argumentos, que «o art. 72 § 24 da Constituição Federal garante o livre exercicio de qualquer profissão moral, intellectual e industrial, sem nenhum limite ou condição previa desse exercicio.»

ARMADA NACIONAL

Os ultimos capitães de mar e guerra. — Estatística dolorosa, mas verídica. — Os capitães de fragata. — Os promovidos por merecimento. — Os factos.

Tomemos, agóra, os tres ultimos capitães de mar e guerra, dos 17 actualmente existentes.

São — dizemol-o na mais calma intenção—tres mediocridades; um, hoje quasi invalido, atacado de uma senilidade precoce, foi, outr'ora, dizem os do seu tempo, com ufanía para a marinha antiga, um grande sabedor de mathematica. Nunca se disse que conhecia artilharia, que estudava o torpedo. Soube talvez um pouco de manobra, e a pratica da navegação perdeu-a totalmente nestes ultimos dezeses annos, durante os quaes frequentou com assiduidade flotilhas e arsenaes, e só duas curtissimas e estereis viagens realizou, fiado sempre nos officiaes de quarto ou no encarregado da navegação. O segundo, mais marinheiro talvez, mas isso só. Bom piloto, conhecedor (?) da costa do nosso Brazil. Si tem louvaveis qualidades como militar e como commandante, seu preparo tecnico, comtudo nunca se patenteou de fórma a auctorizar a promoção ao posto que occupa com preterição de grande numero de collegas. Mais viajado do que a generalidade dos officiaes de sua patente, nunca, entretanto, se destacou superiormente em qualquer dessas viagens; antes, até se desempenhando dellas de fórma a motivar reparos. O terceiro, emfim, goza da fama de official estudioso e preparado. Mas, desejo de retraír-se de mais ou incompatibilidade, repugnancia invencível por toda a ruindade da nossa organização naval, é um chronico demissionario. Pouquissimo viajado como official superior, viajou como subalterno alguma coisa, o sufficiente para não ser taxado official de marinha de commissões em terra.

Os dois ultimos desses tres capitães de mar e guerra, na sua immobilidade no porto do Rio de Janeiro, teem, todavia, exercido commandos de vasos de guerra em que teem podido tirar algum proveito para seus conhecimentos, como commandantes.

* *

Essas considerações que ha muito vimos fazendo sobre o embarque em

navios verdadeiramente de guerra, e pelo numero de viagens realizadas pelos nossos officiaes, são de summa importancia.

Num paiz como o nosso com arsenaes desorganizados, imprestaveis, sem industria particular de artilharia, torpedo ou machina, a machina, o torpedo ou a artilharia só pódem ser conhecidos dos officiaes da armada que embarcaram em navios que os tenham de facto e onde elles possam ser estudados praticamente. Theoricamente, os livros pódem ensinar-lhes bastante a respeito; é, comtudo, uma aprendizagem imperfeita. Acresce ainda que é raro o official superior da armada brasileira que se dedica ao estudo, que é raro o que emprega dinheiro nessa phantasia — livros — que pouquissimos são os que possuem uma bibliotheca.

Quanto ás evoluções, á navegação e á manobra, (esta ultima quasi desnecessaria hoje), só em viagens, já em navios isolados, já em divisões de verdade, se aprendem. Assim, são de grande pezo — porque é interessante fazel-as — as considerações que fazemos sobre os embarques e as viagens.

Prosigamos porém. Dos dezeseite officiaes que em conjuncto analyzamos, (vide os dois nums. anteriores dos *Annaes*) dos dezeseite capitães de mar e guerra, existentes, actualmente, no quadro, são: tres, capazes; capaz, outro talvez, mas afastado inteiramente de sua profissão, ha 15 annos. Tres mais são mediocres e finalmente, absolutamente incapazes, dez.

E' desoladora essa estatística, mas ella exprime a verdade, purissima, verdade que não chegaria a ser tão pungente si não fôra a ineptia dos ultimos ministros da Marinha.

Mais, muitissimo mais desoladora, no emtanto, é a verdade sobre o quadro dos 39 actuaes capitães de fragata.

* *

Afastaremos, desde logo, da nossa analyse, dois, que são invalidos, officiaes de valor outr'ora, um delles, sobretudo, marinheiro e navegador reputado excellento, e tomaremos, para começar o nosso estudo, um grupo de sete daquelles officiaes, providos todos nesse posto por merecimento, preterindo respectivamente 6, 13, 9, 9, 16 e 17 collegas.

Isso equivaleria, em outra qualquer marinha, a reconhecer, nesses officiaes, mestres de sua profissão.

Vejamos na nossa a que corresponde.

Um delles, o ultimo dos promovidos, é realmente o que se póde classificar um official superior completo. Nenhum dos ramos da sua profissão, elle ignóra, e, commandante a bordo, é tambem mestre para seus officiaes. Viagens elle as fez, muitas e longas, e os seus embarques fôram sempre em navios onde pudesse augmentar o seu saber. Energico e justo ainda, não lhe falta, portanto, uma só qualidade, como commandante; e então, repetimos, é um official superior completo.

Mas, os outros seis, Santo Deus! Que tristeza!

De dois já nos occupámos: um é o commandante que manda chamar um machinista afim de servir-lhe de pratico na entrada de um porto por de mais conhecido e porto comprehendido no trecho de costa descripto e estudado no roteiro de que o mesmo commandante é auctor! (Num. 68, anno III, dos *Annaes*). E' o mesmo que, por não saber abrir a culatra de um 57 m/m, Nordenfelt, o mais conhecido dos canhões que se encontram na nossa marinha, declarou, á vista de familia que o acompanhava na visita ao seu navio, o mesmo canhão inutilizado, sendo immediatamente desmentido por um official, presente tambem, e que fez aquella operação. (Num. 66, anno III, dos *Annaes*). E' o mesmo, emfim, que em documento official declarou um navio máu veleiro porque, com o abatimento, só bolinava em 95° já não falando, accrescenta, (com vista aos pilotos) no caso do desvio d'agulha ser de nome contrario ao vento!!!

O outro é o da historia dos meridianos, o immediato do *Riachuelo* na viagem em que este navio só encontrou a Ilha Grande, pela intervenção de officiaes que, na phrase desse de que nos occupámos, «entendiam da coisa.» (Num. 66, anno III, dos *Annaes*). A coisa era ler e corrigir rumos, operação familiarissima a qualquer marinheiro-signaleiro da marinha ingleza; esse official, para poder ler um livro francez *Hygienie navale*, unico talvez que possúe e que em toda

a sua vida ouzou ler, teve de ir ao dictionario procurar o significado de *avec, après*, etc. etc.!! A unica viagem que fez, como official superior, foi aquella, no *Riachuelo*, onde revelou grande aptidão para manter o asseio das privadas. Desconhece tudo o mais.

Estão ambos julgados, e julgada a justiça das suas promoções por merecimento, preterindo: um, 13; e outro, 17 collegas.

Dos quatro capitães de fragata restantes daquelle grupo de 7, um foi um moço bonito, conquistador nos salões. Como official de marinha, houve uma epocha em que, sob as ordens de um chefe sempre saudoso, se destacou um pouco: era então segundo-tenente. Depois, nada mais fez. A barbaridade com que, commandante sem habilitações e faltando semanas ao seu navio, procurava implantar a disciplina a bordo, fel-o notavel. Hoje, é quasi um inutil, um invalido. Outro, durante longos dez annos, não conheceu o convéz dum navio de guerra. Quando embarcou, ao cabo desse tempo, foi para, por uma manobra imprudente com o seu navio, inutilizal-o ás 9 horas do dia; como premio, recebeu commando melhor e agóra em commissões, que seriam para ser exercidas por almirantes, anda espalhando toda a sua dolorosa ignorancia. Um terceiro, commandando em viagem, taes ordens deu, taes idéas manifestou, que ordens e idéas fôram publicadas, em boletim, distribuido mais tarde pela armada. Dentre as ordens, tiramos: «O commandante será sempre o primeiro a dar o fóra para a altura meridiana» e «As lonadas devem ser retiradas diariamente dos canhões, afim de refrescarem-se as almas dos mesmos»; e, dentre as idéas: «As espoletas para projectis deveriam ser de duplo effeito: electricas e de concussão»!

Está julgado.

O quarto, emfim, é um soffrivel marinheiro. Do seu preparo, nada se sabe. Discute, esconde a sua sciencia ou ignorancia, e, como commandante, a unica qualidade que revela é um paternal desleixo a respeito de disciplina.

Fôram estes os sete officiaes, promovidos por merecimento, com repe-

tidas e innumeradas preterições de collegas.

TONELEIRO.

PAGINAS ESQUECIDAS

JUVENTUDE

Do amor a vaga sensação primeira,
Primeiro alvor, diluculo da idade,
O brando rescender da virgindade,
Mais brando que o da flôr da amendoeira;

O espirito, a belleza e a castidade
— Rara violeta que indizível cheira;
A ingenua prece — musica fagueira —
Tudo que ha na mulher que mais agrada;

Tudo nesta estação se atila e apura;
A moça sonha e o seu sonhar fulgura
No olhar de luz e de humidade cheio;

Da tez lhe fulge a transparencia rara,
E, qual fructo de neve, aponta a clara
Protuberancia olympica do seio.

RAYMUNDO CORRÊA.

* *

AINDA « O PRIMO BAZILIO »

Nesta secção do num. 73 dos *Annaes*, os leitores terão lido um artigo contra o *Primo Bazilio*, publicado no *Cruzeiro*, de 1878. Esse artigo, que hoje é tanto mais curioso quanto é assignado por Eleazar, antigo pseudonymo de um nosso grande escriptor vivo, deu logar a duas respostas: a primeira é a que se segue; depois, virá a segunda, e, por fim, a replica de Eleazar, cuja publicação não valeria a pena sem conhecer essas respostas.

Poucas vezes tenho visto exercer tão severamente a critica como o fez o Eleazar, distincto e erudito folhetinista do *Cruzeiro*, a proposito do ultimo livro do Eça de Queiroz — *O Primo Bazilio*.

Aquelles que por systema esperam a manifestação de opiniões auctorizadas, para se resolverem a ler as obras que as provocaram, depois do folhetim a que nos referimos só teem uma coisa a fazer — não ler o livro do sr. Eça de Queiroz.

O illustre critico examinando minuciosamente a obra, manifestando-se abertamente contra a escola a que ella se filia, falando da originalidade do auctor, como de uma coisa muito problematica, fazendo a autopsia dos seus personagens e concluindo que Eça de Queiroz é um discipulo de Zola, não encontrou nem uma belleza, nem um capitulo em que se revele o talento do auctor, que aliás reconhece. Ao contrario, só achou reminiscencias de outras obras, incongruencia na concepção e até motivo para o leitor se enfadar.

Vejamos, pois, até que ponto são justas as accusações, até que ponto são admissiveis os reparos do illustre critico.

Não discuto preferencias de escolas: de nada serviria para o caso em questão.

O que me parece, todavia, é que desde que ha pontos de vista diferentes, a critica não pôde ser exercida com imparcialidade e sem preocupações de genero.

Eleazar é evidentemente adverso á escola a que se filiou o auctor do *Crime do Padre Amaro*, e necessariamente por isso é obrigado a combater a causa e o effeito, a escola e o livro.

O adversario não poderá ser nunca o melhor juiz.

Mas digamos o que é o *Primo Bazilio*. A nosso ver, é elle a mais accentuada manifestação do genero de litteratura que se trata de implantar. Debaixo desse ponto de vista, isto é, como producto do realismo, é o novo livro uma obra malfeita, ou corresponde exactamente ás exigencias do seu genero? Parece-me ser este o unico ponto em que se pôde assentar uma apreciação despreocupada, desembaraçada de quaesquer laços que prendam o espirito da critica a esta ou áquella escola.

O que fez Eça de Queiroz?

Approveitou o trivialissimo episodio de um adulterio sem escandalo, transplantou para o livro o viver, o character, os habitos, os defeitos, as virtudes dos seus personagens, e, com o mais apurado processo de observação, com o mais escrupuloso respeito á verdade, apresenta-nos uma mulher adultera, que não é morta pelo marido, que não se envenena, que não foge com o amante, que não é reppellida pela sociedade, mas que succumbe á sua vergonha e ás mil torturas que o seu passo errado lhe acarretou.

E' inverosimil a acção do romance? São falsos os caracteres que nelle figuram? Estão as suas palavras em contradicção com a sua maneira de agir?

E' isto, ou o contrario que convém demonstrar.

Tratando da heroina do romance, assevera Eleazar que Luiza é um character negativo, e no meio da acção idéada pelo auctor é antes um titere do que uma pessôa moral; tem nervos e musculos, mas não tem consciencia, não tem remorsos, não tem paixões.

O character de Luiza, que tão extraordinario pareceu ao illustre Eleazar, é ou não o character ordinario da mulher moderna, fraca, futil e leviana? Ha mulheres como Luiza, ou não as ha? E' este character uma photographia ou o producto da imaginação do auctor?

Parece-me que não se pôde negar a verdade do character de Luiza. Se o auctor tivesse procurado para sua heroina uma mulher forte e energica,

menos sensual, menos docil e mais austera, havia forçosamente de dar uma outra directriz á sua acção.

Não creio que a critica tenha o direito de perguntar ao artista porque escreveu estes ou aquelles caracteres, esta ou aquella maneira de os pôr em movimento.

Por certo que não pôde ir até lá o nosso direito, que apenas está limitado a acceitar a obra de arte como um factio, a ver se elle é falso ou verdadeiro, se está em harmonia com o meio onde se fez a sua elaboração.

Porque Luiza é titere? Porque se deixar fascinar pela calculada perfidia de Bazilio; porque, depois de cair, não tem força para se erguer; porque, depois de descoberta a falta por Juliana, não tem a energia para saír de uma posição humilhante: Luiza é um titere por estas razões. Mas o que são todas as mulheres com aquelle temperamento, com aquella educação e em casos analogos? São titeres evidentemente. Mas não seria o pensamento de Eça de Queiroz, simplesmente com o auxilio dos factos, demonstrar que todas as mulheres, em taes circumstancias, ficam reduzidas á inconsciente posição de titeres, e que é dessa posição que lhes ha de vir o arrependimento, ou o castigo?

E depois, accrescenta Eleazar, Luiza não tem remorsos, não tem arrependimento, não tem consciencia — tem apenas medo do marido. Isto que é apontado como um defeito, nos parece a coisa mais logica deste mundo, porque não vemos a contradicção que ha entre o character de Luiza e o medo que ella manifesta. Se Luiza fôsse simplesmente um titere, por certo não teria medo: os titeres não tem medo. Luiza, porém, que effectivamente fica reduzida a titere, não o é sinão pelas circumstancias que a rodeiam.

Se effectivamente ella não tivesse consciencia, não tivesse remorsos, não a humilharia aos seus proprios olhos a posição em que se vê collocada. Transige com Juliana, soffre-a, trata-a bem, é verdade; mas fica tranquilla? Essa *perpetua humilhação* não a leva ao tumulto?

Com grande espanto nosso, pergunta Eleazar: «—Que temos nós com essa lucta intestina entre a ama e a creada?»

Pois é exactamente essa lucta a parte principal do livro? Não prova ella que, apesar do delicto de Luiza não lhe ter acarretado o desprezo das suas relações, que apesar do marido nada saber, a mulher que cáe pôde soffrer todas as torturas, torturas de todas as horas e de todos os momentos? Não, Luiza é um character fraco, mas não é um titere: bem o prova a

scena passada em casa da *Pão e Queijo*, com o *Castro dos Oculos*.

«Supponhamos, diz Eleazar, que taes cartas não eram descobertas, e estava acabado o romance.»

Perdôe-me o illustre critico. Esta supposição, por futil que é, chega a parecer-me comica.

O factio de Juliana possuir as taes cartas, divulgadoras do erro da ama, é ou não é o elemento principal do romance? Foi elle ou não que serviu de fonte ao auctor?

Essa supposição leva-me tambem a perguntar: se Eça de Queiroz não tivesse escripto o *Primo Bazilio*, estaríamos nós tratando d'elle?

«Não ha laço nenhum moral entre Luiza e nós, porque sabemos que a catastrophe é o resultado de uma circumstancia fortuita». E' sem duvida; mas não é natural essa circumstancia fortuita? Foi evidentemente Luiza o personagem com que mais se preocupou o illustre critico. Não tivemos, pois, remedio sinão acompanhá-lo.

Depois de uma apreciação minuciosa, chega Eleazar á conclusão de que a these do livro é a seguinte: «A bôa escolha dos famulos é uma condição de paz no adulterio». E' espirotuosa esta conclusão; não tem, porém, outro valor. Eça de Queiroz, em quem são reconhecidas tantas qualidades de escriptor, não se occuparia em fazer um livro de 600 paginas para provar, permitta-se-me a phrase, uma banalidade.

Ao contrario do illustre folhetinista, para mim não é ponto de duvida que do *realismo* venha algum ensinamento. O *realismo* tem por principal preocupação a maior approximação da verdade: ainda que não chegue ao seu resultado, não serão os seus esforços dignos de louvor?

Condemna Eleazar o *tom* do livro, as minucias, os detalhes e até a marcha da acção. Depois de reconhecer que Eça de Queiroz é um discipulo de Zola, será justa tal condemnação? Se Eça de Queiroz não fôsse minucioso na descripção dos detalhes; não fôsse implacavel com os vicios que encontramos nos seus personagens; não tivesse, emfim, como principal preocupação, a fiel copia do que sujeita ao seu processo de observação, seria elle um adepto da moderna escola? E' por isso que a principio disse que me parecia falso o ponto de vista do eminente critico. Confessar, reconhecer que uma obra filia-se a uma escola e não a considerar sob esse aspecto, para só a condemnar, pôde ser muito commodo, mas por certo não é justo. O proprio articulista o confirma quando admite a possibilidade de *não serem attendiveis os seus reparos, desde que é diferente o seu ponto de vista*. E basta esta razão para afoitamente im-

pugnarmos as accusações feitas ao novo livro, sem que por isso nos julgemos obrigados á minuciosa descrição de todos os detalhes delle. E' natural que tão perfeita photographia de um quadro, que só pecca por ser verdadeiro, desperte os rancores daquelles que entendem que nem todas as verdades se dizem. Esta phrase foi inventada necessariamente por algum hypocrita celebre.

Ha o tedioso, há o ridiculo, ha mesmo o torpe e o obsceno no realismo. Não o contesto; mas percorram-se as obras dos adeptos das outras escolas e digam-me depois que não há lá o ridiculo, o obsceno e o torpe.

O realismo é, segundo Champfleury, a escola da sinceridade.

E' exacto que ha no *Primo Bazilio* algumas scenas que, no proprio interesse do livro, deviam delle ser arrancadas. Esse excesso, porém, essas côres tão carregadas, esses traços tão grossos, são apenas os defeitos da propaganda, que nos parece hão de em breve desaparecer.

Não sirvam, pois, essas paginas pouco convenientes para a condemnação *in totum* da obra artistica, estudada com criterio, observada com cuidado e que revela um progresso na maneira de apreciar os factos que nos cercam.

Não nos parece que obras como o *Primo Bazilio* concorram para estrangular o realismo; cremos, ao contrario, que apenas com as modificações compatíveis com o seu desenvolvimento elle se ha de firmar na litteratura portugueza, como se firmaram todos os outros generos.

E' nossa crença tambem que a herança de Garrett se transmittirá ás mãos da geração vindoura; porém o que não podemos tambem deixar de acreditar é que o tempo ha de forçosamente ir deixando os indubitaveis vestigios da sua influencia.

Pódem os que não acceitam o realismo formar as columnas cerradas da sua resistencia; esta será inutil porque as columnas succumbirão ao pezo do grande colosso, que se chama simplesmente — a verdade.

S. SARAIVA.

Vendem-se collecções dos «Annaes», ricamente encadernadas do primeiro trimestre de 1904, e primeiro e segundo semestres de 1905.

* * *

As officinas dos «Annaes», dispendo de um material completamente novo e moderno, encarregam-se de qualquer trabalho typographico.

ORGANISAÇÃO DEFENSIVA DAS COSTAS

Como dissemos em nosso artigo anterior (numero 74, anno III, dos *Annaes*), a desigualdade dos partidos empenhados na lucta russo-japoneza, principalmente no tocante ás operações navaes, era visivelmente accentuada, e muito antes do encontro decisivo em todos os espiritos se aninhava a convicção do fatal successo da esquadra russa.

Tudo o que de melhor possuia a Russia em material naval e marinhagem já havia desaparecido nos constantes e tenazes ataques dos japonezes contra Porto Arthur, e os poucos elementos que ainda se conservavam em Vladivostck, em condições satisfactorias, nenhum auxilio poderiam prestar aos seus companheiros.

A formação das esquadras russas do Baltico teve inicio com febril actividade, e da melhor maneira que foi possível se aprestaram quatro grandes unidades de construcção moderna e de valor real e mais um bando heterogeneo de navios antiquados e fracos, alcançando um total de onze navios de linha e quatorze cruzadores.

Como era natural, as regras estabelecidas pela diplomacia vedaram, por completo, quaesquer soccorros externos, de modo que os russos só tiveram de contar com os proprios recursos, que aliás se achavam muito longe das exigencias do momento, sem falarmos nas multiplas e complexas providencias em relação aos abastecimentos de combustivel e generos para tão numerosa frota durante a sua longa viagem.

Das quatro principaes unidades, muita coisa se disse sobre a sua inferioridade. Entre outras, refere o capitão Klado que a Russia encomendára aos estaleiros francezes o *Cesarewitch*, com o proposito de construir por conta propria um grande numero de navios do mesmo typo. Mas a engenharia naval russa tanto modificou, tanto melhorou o seu modo, que as copias, sem alcançarem a perfeição do nosso *Tamandaré*, saíram, no entretanto, coisa bem differente do modelo, a todos os respeitoos.

Os outros navios são já bem conhecidos pelas innumeradas noticias que se teem publicado, e por ellas bem se póde inferir das suas más condições.

O pessoal, igualmente, em nada se avantajava ao material. Officiaes e marinheiros fôram arrebanhados, a torto e a direito, entre gente velha, havia muito afastada do serviço activo, entre jovens alumnos das escolas navaes e recrutas que, na maioria, jámais pizaram o convéz de um navio.

Semelhante pessoal, indubitavel-

mente em peiores condições que o material, sem tirocinio profissional e sem a necessaria instrucção technica, divorciados dos sentimentos de abnegação e patriotismo necessarios, constituia o mais temeroso inimigo para a propria esquadra que tripulava; e bisonho, ignorante da sua missão, em logar de se transformar em uma força activa para augmentar ou, ao menos, para tirar do material, embóra imperfecto, o que podia dar, tornou-se uma força negativa, atravancadora.

Além de todas essas circumstancias, oriundas da ignorancia e da ausencia dos bons sentimentos, por si sós sufficientes para atirarem a esquadra ao completo aniquilamento, accresciam os successivos e tremendos desastres das armas russas, tanto em terra como no mar, desde o inicio da campanha, para abaixar extraordinariamente o nivel moral das suas tripulações, bastando para denunciar o fiasco que fizeram logo ao abandonar as aguas patrias, no mar do Norte, onde innocentes barcos de pescadores se lhes afiguraram mysteriosos torpedeiros inimigos a interceptarem a sua marcha.

Completando a série de defeitos apontados, vieram os precalços de uma longa viagem, com o seu enorme cortejo de difficuldades, para abaixar a capacidade de combate desses navios.

Do lado japonez, as coisas passavam-se de modo diametralmente opposto. Enquanto as esquadras russas, na sua inevitavel morosidade, se acercavam da derrota, os japonezes davam a ultima demão nos poucos entaves que ainda lhes embargavam a liberdade plena dos mares e demoradamente reparavam em seus arsenaes, aliás bem providos e na altura das necessidades da occasião, os pequenos danos causados em suas unidades; refaziam o pessoal e até, a acreditarmos na pretendida inutilização da sua grossa artilharia, a teriam substituido por completo.

A's suas guarnições sobravam todos esses sentimentos moraes que formam o mais apto homem de guerra; animava-os série ininterrupta de victorias, considerando-se invenciveis; na sua profissão, eram quasi perfeitos, tanto quanto se póde exigir na actualidade.

E ainda para lhes facilitar a victoria encontram um inimigo que peccava contra os mais insignificantes principios da tactica naval, tanto no que dizia respeito ás informações da situação, disposições e recursos do adversario, como tambem pelas suas más formações de combate, deixando-se apanhar de surpresa.

Esse antagonismo de condições em que se apresentaram os combatentes,

sem de modo algum diminuir o valor da victoria japoneza, vem, no entanto, modificar, a muitos respeito e tornar menos apparatusos, os ensinamentos ali colhidos e prégados com caracter de inteira novidade.

Entre os mais entusiastas em assumpto naval e que mais extensamente teem aproveitado os factos occorridos na batalha de Tsushima, aponta-se Lanessan, ex-ministro da marinha franceza, que sempre, com muita attenção, se dedicou ao estudo dos problemas navaes.

Esse auctor, cujas deducções teem servido de fundamento a quasi todos os nossos escriptores navaes, apezar da sua indiscutivel competencia na materia, deve ser ouvido por nós com menos admiração, pois as inferencias que elle tira dos acontecimentos daquelle batalha são encaminhadas de accordo com as idéas que de ha muito préga como as mais adaptaveis ás condições do seu paiz.

Parece-nos que em semelhante assumpto, a questão do pessoal deve ser examinada em primeiro lugar; ella merece, pelo menos, na nossa fraca opinião, maior importancia.

A artilharia japoneza produziu os maravilhosos effeitos apontados porque era servida por artilheiros que ultrapassavam a sua perfeição; nenhum processo novo, nenhum canhão desconhecido empregaram elles para obter a destruição do inimigo.

Como confessa o proprio Lanessan, não foi preciso metter a pique a esquadra russa para se affirmar a victoria; bastou a artilharia média para alcançal-a, dizimando e confundindo as guarnições, desmantelando o exterior, por um fogo vivo e certo.

E' ainda elle que affirma que, na guerra em questão, a escola japoneza bateu a ignorancia russa.

Portanto, a grande lição, a mais importante a se concluir dessa guerra, é a que se refere á necessidade da existencia de um pessoal apto, preparado e no mesmo nivel do aperfeiçoamento do material.

O bom material exige equivalente qualidade do pessoal. Navios bons, poderosamente armados, potentemente defendidos, impenetraveis á acção destruidora da mais forte artilharia, de nada valem si o pessoal que os guarnece não é idoneo; apto, moral, technica e professionalmente; capaz, emfim, de dar alma a esses monstros de aço — tartarugas inoffensivas quando guardados por gente bisonha e ignorante da sua missão.

Como diz um brilhante escriptor da *Revue Militaire Suisse*, não se deve procurar a explicação da victoria japoneza em nenhum aperfeiçoamento technico.

A superioridade decisiva desta vez ainda, como sempre, se encontra no valor do elemento animado — o homem. Uma disciplina de ferro, uma absoluta fidelidade ao dever, um preparo technico desenvolvido e, emfim, todas as qualidades que favorecem a confiança reciproca, o legitimo sentimento do seu valor que conduzem ás grandes acções, venceram a indolencia e a indifferença. Mais uma vez, se affirmou a puerilidade e a insensatez da crença tola de que a confiança, a disciplina e o preparo pódem ser substituidos, no momento critico, pela compra do material em abundancia e pelas phrases patrioticas dos imprevidentes.

E, infelizmente—quanto distanciadados estamos dessas coisas. Quão atrasados nos achamos ante o valor dessa gente, que ainda ha pouco desdenhávamos na convicção de uma superioridade mentirosa, fundamentada em uma civilização falsa e deturpada dos bons sentimentos, dos sentimentos capazes de formar homens taes.

TENENTE MAX.

APANHADOS

Uma arma original Dirigidas pelo Instituto Anthropologico da Inglaterra, realizaram-se umas curiosas experiencias num parque dos arredores de Londres. Quatro professores, dois delles da universidade de Cambridge e Oxford, pretenderam estabelecer a fórmula mathematica da corrida dum *boomerang*, arma mysteriosa inventada pelos indigenas da Australia. Consiste em uma lamina de madeira dura, talhada de maneira a fórmar um angulo obtuso; lançada por uma pessoa habil, a arma fende o ar com uma rapidez admiravel, percorre certo trajecto e volta ao seu ponto de partida, sem ter tocado antes no chão.

O professor Knowles, que passou diversos annos a se exercitar, é talvez o mais habil lançador do *boomerang* que existe na Europa. Nas experiencias de Londres, tomaram parte este professor e o dr. Walker, que é tambem um perfeito jogador da arma australiana. Os espectadores, porém, tiveram a desagavel idéa de imital-os, e começaram a jogar o *boomerang*. Foi um desastre total: a exquisita arma de volta do seu vôo caprichoso, vinha bater com violencia nas pernas dos atiradores, que sem esperar por aquella visita caíam no chão. O *boomerang* é bastante perigoso; não é raro acontecer ao mais pratico caçador australiano ficar gravemente ferido pela volta imprevista da arma, que tem

uma margem afiada como uma navalha.

Theodore Cahu, no seu novo romance *Uma fortuna pelos ares*, dá uma perfeita descripção da arma da Australia.

* *

O palacio dos pobres Inaugurou-se num suburbio de Londres, em Hammersmith, a nova *work-house*, destinada a receber 758 indigentes; os jornaes inglezes criticam vivamente o estabelecimento que elles acham extravagante e que custou perto 7 milhões de francos, contando sómente o terreno e a construcção. A communa gastou, portanto, 7.500 francos por pensionario; juntem-se a isto os..... 250.000 francos, preço das mobílias.

Tendo custado tanto ao thezouro inglez, era natural que o estabelecimento de caridade fôsse um verdadeiro palacio. Não póde ser mais perfeito; para evitar aos doentes a fadiga da escada, os administradores mandaram collocar elevadores que funcionam admiravelmente. O refeitório de 30 metros está tão elevado do rez do chão que se tomaria por um *hall* de qualquer castello feudal.

Por toda parte, brilham as lampadas electricas e as salas são aquecidas a vapor.

Nada falta a Hammersmith. Ha até bibliotheca e sala de *tennis*.

* *

Universidade feminina no Japão Ha em Tokio, desde 1896, uma universidade especialmente destinada ás mulheres. O seu fim principal é tornar a mulher japoneza util aos progressos da sua patria.

Os estudos duram tres annos; no fim, tem-se um diploma de grande valor. Em 1901, seguiram o curso 800 mulheres.

Dividem-se em tres partes os estudos: litteratura japoneza, litteratura ingleza e sciencia; desta ultima estuda-se com mais cuidado a sciencia domestica, que se subdivide em economia politica, lei civil, physiologia, hygiene, arte de dirigir uma casa, etc.

Todos os professores inglezes ou japonezes são do sexo feminino. As alumnas devem ter, pelo menos, 17 annos. A universidade é mantida por subscrições particulares; o governo despense com ella unicamente 2.000 *yens* por anno.

Notas curiosas sobre o livro Depois da descoberta da imprensa, os livros tomaram um grande impulso, augmentaram visivelmente. De 1450 a 1536, appareceram 42.000 obras impressas; de 1536 a 1636, segundo um calculo approximativo, 275.000; nos outros cem annos seguintes, fôram apparecendo mais; chegaram a 1.225.000; de 1736 a 1822, subiram a 1.839.960. A somma eleva-se a 3.681.960 livros. Se cada um desses livros tirasse 300 exemplares, teriam saído dos prelos do mundo, sempre de 1822, 3.313.764 volumes.

Um americano calculou que, nos Estados-Unidos, as familias possuem 42.000.000 de volumes; os sabios, escriptores e inventores 150.000.000; os editores e livreiros teem nas estantes 60.000.000; nas bibliothecas publicas, 50.000.000. Os estudantes teem um numero muito pequeno de livros, guardaram todos elles... 80.000.000 de volumes.

Calculando na mesma proporção para os outros paizes, o *yankee* obteve um total de 3.200.000.000 de volumes espalhados pelo mundo inteiro.

* *

Um novo drama de successo Esperava-se com impaciencia, em Londres, o *Nero* de Stephen Philipps. O poeta, que se serviu com bastante felicidade de todas as suas faculdades de evocador e de artista, apresentou um *Nero* não vivendo sinão para a arte. O cezar soffreu unicamente a influencia do meio em que vivia e isto elle diz a sua mãe Agrippina, quando esta o accuza da morte de Britannicus. «Sou teu filho» exclama, então, e estas palavras pareceram-lhe sublimes; elle mostra, com effeito, a revolta da vontade contra o atavismo que soffreu.

Finalmente deante de Roma, em chammas, Nero é atacado de delirio e pouco depois de verdadeira loucura.

A peça tem occasionado bastante polemica; uma parte tem sido um tanto criticada e outra muito admirada.

* *

O maior couraço do mundo O *Dreadnought*, que acaba de ser lançado em Portsmouth, vence em poder e em presteza todos os couraçados existentes. Desloca 18.000 toneladas (os outros couraçados chegam a deslocar só 16.500 toneladas) e as turbinas pela primeira vez applicadas num vaso de guerra, permittiram a rapidez de 20 nós.

O grande navio possui 10 canhões de 12 pollegadas, que pôdem lançar projectis de 380 kilos, com uma rapidez inicial, sufficiente para varar, a trez milhas de distancia, o mais forte couraçado. O armamento será com-

pletado com quatro ou cinco tubos lança-torpedos e com 18 canhões de tiro rapido, destinados a repellir o ataque das torpedeiras.

Foi construido muito rapidamente o monstruoso couraçado; começou a ser feito em 2 de outubro de 1905 e em fevereiro de 1906 estava prompto. Mas tambem custou caro: attingiu a grande somma de 45 milhões de francos.

* *

Romances suissos Dois romances interessantes appareceram na Suissa: *La marée montante*, de Jacob Wiedmer, e *Lebensdraug*, de Paul Ilg, de Zurich. O primeiro apresenta a transformação dum recanto aprazível de Oberland pela chegada intempestiva de estrangeiros, *touristes* ousados, que vão ahi fazer uma estação balnearia. O outro, de Paul Ilg, conta a historia dos especuladores que em Zurich compram terrenos para depois vendel-os de novo, por um preço muito elevado, á medida que a cidade váe se estendendo. Num estylo vigoroso, os dois livros agradam, principalmente o *Lebensdraug*, onde se mostram, com uma verdade forte, os typos mesquinhos dos especuladores grosseiros.



Fragmentos de estudos da historia da Assembléa Constituinte do Brazil

XVI

O projecto de concessão de amnistia ainda não tinha sido gravemente vulnerado; fôram ligeiros os golpes que lhe vibraram. O discurso proferido por Martim Francisco, mais declamatorio do que logico, vantajosamente refutado pelo representante do Ceará, não produziu nenhum abalo.

A liça dos debates parecia deserta. Os adversarios deixavam a victoria aos promotores da medida de conciliação e paz social; mas as probabilidades do bom exito do combate, de subito, se mudaram logo que surgiu um contendor amestrado e de pulso forte.

Apenas o deputado Alencar emmudecera, Antonio Carlos se apudera da tribuna.

Desta feita, elle proprio acredita refulgir-lhe na frente a sabedoria de Pericles. Impõe-se á Camara, que o escuta admirada. Imita gestos, attitude e a magestade de Demosthenes. Está persuadido de lhe caírem dos labios as purpuras da palavra de Cícero.

O discurso do orador paulista foi o melhor que a Constituinte ouviu e pôde ser considerado notavel, mesmo

no parlamento do segundo reinado, quando a eloquencia politica incontestavelmente tinha representantes, eximios pela vehemencia do sentimento, pela profundeza das idéas, pela opulencia da imaginação, pelos surtos da inspiração e primores da fórma.

Esse discurso é digno dalgumas considerações, que tentaremos fazer no correr do presente estudo.

Em Antonio Carlos, o homem e o orador se harmonizavam. Era dotado duma estatura regular, qual me parece havel-o visto, num retrato, fardado como ministro da Corôa, no gabinete de 24 de julho, epocha da Maioridade. Havia, no seu semblante, um não sei que revelador de espirito irrequieto e ardente, que, arrebatado pelas lufadas da inspiração, se expande nas explosões do improviso.

Antonio Carlos ergue-se soberbo, minaz e forte, como homem de combate. Sobresaía, na postura erecta e altiva da figura, que se nos pinta, do gladiador antigo, dominando a arena, affrontando os luctadores — invulneravel e sempre impavido.

Nelle, o orador foi constante combatente. O gelo da velhice não lhe apagou o lume vivo da mocidade.

As desillusões da vida não lhe fizeram jámais arrefecer os impetos do coração. A palavra fulgura-lhe, como gladio que lhe armasse a dextra. Affeito e proecto nas luctas da liberdade contra o poder, guardou, desde a revolução de 1817, um residuo de odio á tyrannia, conservando a tempera do revoltoso, que não se submete, pelo contrario, procura dominar e não se curva á prepotencia. E' por isso que elle impõe as suas idéas e se arroga o mando absoluto entre as mediocridades, que formavam a maioria dos representantes na Constituinte. Ancho do sentimento de sua superioridade, o orador paulista, ás vezes, uzava de certo charlatanismo, com que se comprazem os espiritos avidos dos applausos do entusiasmo e das ardorosas saudações da admiração. E' um soberano, despota, que não desdenha a subserviencia dos humildes e não supporta e pune a altivez dos vassallos.

O orador na tribuna não se desapega do orgulho de sua grandeza. Ama as pompas da erudição; ostenta as magnificencias do talento. Elle cita nomes rutilantes de fama, laureados pela immortalidade da gloria, como seus eguaes e familiares. Quer hobrear com os Pericles, Demosthenes e Cícero, e rivalizar com os Pitt, Fox, Burke, Sydney e Canning, imaginando-se na sala dos poderosos communs da Inglaterra, onde as palavras de liberdade e de patriotismo sôam, sem animadversão, desses ho-

mens que souberam o segredo de conciliar o respeito com a independencia, a nobreza de character com a obediencia. Antonio Carlos não dissimula; pretende receber as homenagens das turbas e do parlamento. Declara-se um athleta (1)—provado e victorioso em diuturnas pugnas e por isso deve ser ouvido respeitosa e acreditado piamente.

Por um lado, não se lhe estranhe que estivesse convencido do seu genio entre os constituintes, filhos dum paiz onde dominára, por tão largo espaço de tempo, o regimen colonial sob o mando dos capitães-generaes: onde a cultura intellectual fôra calculadamente vedada, porque convinha manter a ignorancia, que é optimo e efficaz auxiliar do absolutismo—verdadeiro *instrumentum regni*. Assim que a palavra animada, os gestos imponentes, as hyperboles e anthitheses do orador enlevavam a maioria dos representantes da nação.

Por outro lado, a sciencia que elle ostentava, nas surtos do improviso, merecia a consideração do grupo dos intellectuaes da Camara.

Antonio Carlos era, sem duvida, uma das figuras mais notaveis, e reconhecer-lhe a preeminencia é acto de rigorosa justiça. Releva, porém, apreciar-o no que valia e no que peccava. Elle não possuia a alta razão dum homem de Estado, as intuições luminosas dum politico previdente, a sciencia do publicista, fecunda pela meditação, systematisada pela critica e enriquecida pela experiencia. Cabe-lhe a maxima parte de responsabilidade dos erros da Constituinte e do seu descalabro final, que elle, sem prudencia, estouvadamente provocou, não prevendo que causas anteriores haviam de produzi-lo. Era um espirito ardente, fluctuando num enxame de sensações que o assoberbavam. Sua voz vibrava altisona; seu olhar se fixava imperioso, ou percorria todos os angulos do recinto. O seu estylo oratorio, como se observa em seus discursos, é sacudido, violento, amaneirado, procurando mais o effeito theatral, do que exprimindo a força da razão, que persuade, esclarece e convence. As suas phrases teem um typo; eivadas de gongorismo, muitas vezes incorrectas, estão cheias de gallicismos; por exemplo: *salta aos olhos, conducta, golpe de vista, carnagem, abordar questão* etc. Coisa estranhavel numa quadra, em que Felinto Elysio, o cardeal conde de Arganil e outros mestres do idioma portuguez stygmatisavam os *francelhos*. Ainda mais: elle deturpa os periodos, construindo e dispondo os vocabulos duma fórma que lhe é peculiar e que exprime a vehemencia das sensações que irrom-

pem, tumultuam e obscurecem a sua consciencia psychologica.

Não é um artista, amante da perfeição, frequentemente preconizada por Miguel Angelo. (2) E' um combatente apressado, que se precipita na liça e, certo da sua bravura, não escolhe as armas nem lhes verifica a tempera.

A preocupação de produzir effeito não o deixa nunca. Coisa singular! Essa preocupação affligiu o cerebro de grandes personagens, oradores e escriptores, desde a antiguidade até os tempos modernos. Demosthenes e Cicero a tiveram. Tacito calcula phrase por phrase, escolhe o logar onde collocar-as no periodo. As pessoas lidas sabem e não ignoram a paciencia com que o illustre orador e philosopho inglez Burke meditava sobre os vocabulos que empregava. Mencionaremos ainda dois exemplos: o de Victor Hugo e de Napoleão I. Escreve um eminente critico e historiador da litteratura franceza: «*Victor Hugo aime les mots étranges, inconnus pour les effets qu'on peut tirer. Il sent le mot comme son, d'abord, par la sensation auditive qu'ils procurent. De là ses enumerations écrasantes dont il nous étourdit: sa vanité, de plus, s'y delècte dans une apparence de science, qui produit l'impression d'un monstrueux charlatanisme*». Poderíamos citar uma duzia de outros criticos, desde Armand Carrel, no *National*, que escrevia com Thiers, até Sainte-Beuve, Merlet, Tissot, os quaes apreciaram essa mania da collocação dos vocabulos, mania que Antonio Carlos tem no anhelos de produzir effeito.

Napoleão I tambem a soffreu, e a critica, que é a luz, que não só illumina a litteratura, mas apura e certifica a veracidade da historia, não desdenhou as proclamações que Napoleão dirigiu aos exercitos para descobrir nestas proclamações a mesma mania da collocação das palavras, que notamos no orador paulista.

Diz ainda um mestre da historia e da critica: «*Dans les brèves harangues de Napoléon deux parties sont capitales, le premier mot et le dernier: l'attaque est merveilleuse de brusquerie et de surêté. Soldats, vous êtes nus, mal nourris... Soldats, je suis content de vous. Soldats, nous n'avons pas été vaincus*». Pondera o historiador e critico: «*On est secoué et pris. Et la fin comme il laisse l'ame vibrante! Soldats d'Italie, manquez vous de courage et de constance?*»

Tal era o orador paulista com as suas boas qualidades e com o charlatanismo que elle copiou e imitou de outros personagens notaveis. Não o censuramos por isso, porque estamos profundamente convencidos de que os espiritos, sob o influxo de certas im-

pressões, attingem ao mesmo resultado sem imitação ou plagio. Si uma idéa illumina o espirito do meu visinho, porque não poderá tambem raiar no meu? Si tal individuo meditar e reflectir sobre certa ordem de pensamento, com os quaes eu tambem me occupo, chegará aos mesmos resultados a que cheguei. Com que direito eu, que não tenho acção sobre as suas faculdades, hei de impedir que elle pense como eu penso? *Nihil sub sole novum*. Sabe-se o que succedeu com Darwin e Wallace; ambos escreveram uma obra sob a mesma idéa, sob o mesmo ponto de vista e conclusão, e, ao mesmo tempo, ignorando um o trabalho do outro.

Comquanto, entre os homens do seu tempo, Antonio Carlos possa passar como bastante versado nos assumptos da politica e da constituição ingleza, todavia a sua sciencia não é diamante sem jaça. Elle bebeu nas theorias do *Esprit des lois*, adoptando e professando as idéas erroneas, com as quaes o illustre presidente Montesquieu — verdadeiro Colombo da historia, (3) contaminou o seculo XVIII. A metaphysica da divisão dos poderes não foi bem comprehendida pelo impetuoso orador paulista, tal qual é empregada no meneio do mechanismo do regimen parlamentar na Inglaterra. Mas deixaremos a analyse desta parte, que é longa, para depois de haver ministrado aos leitores alguns excerptos de amnistia. Esses discursos são os productos das boas e ruins qualidades do homem. Affirmam, todavia, o talento do orador e a instrucção que possuia e lhe dão incontestavel jús a occupar logar proeminente na galeria dos oradores do parlamento brasileiro.

Já os leitores sabem que estes projectos de perdão, de amnistia e de outras medidas garantidoras da liberdade individual, tinham por fim pôr uma barreira ou limite ao despotismo das devassas, ordenadas por José Bonifacio, ministro; porém não ouzavam os constituintes, nem lhe declinar o nome! O proprio deputado Alencar, um dos mais destemidos, repete: «*não quero accusar ninguém; não e proprio do meu character, etc.*» Ora Antonio Carlos combate a amnistia, que vem desfazer a politica do ministerio, cuja conservação lhe interessa sob todos os respeitos.

Dissemos que elle uzava de certo charlatanismo e soia ostentar erudição, e o seu discurso nol-o demonstrará.

«Severo era o regimen, diz Antonio Carlos, da escola Pythagorica; os que eram recebidos para discipulos eram obrigados a estar callados dois annos, ouvindo tão sómente e não se lhes permittindo nem perguntar nem com-

mentar o que ouviam e durante esse tempo chamavam-se *acusticos*. Em segundo degráu, no qual se denominavam *mathematicos*, já lhes era licito falar, perguntar, escrever e declarar as suas opiniões. Afinal, depois de imbuidos nos estudos é que se lhes abriam os arcanos do mundo e se lhes patenteavam os principios da natureza e se denominavam *physicos*.

Se esta disciplina, bem que rigorosa, nos fôsse applicada; se não fôsemos chamados para medicos do Estado sem previas provas, não teria talvez eu de atacar o presente projecto. Não é, porém, assim que somos escolhidos; a vóz omnipoteute do povo nos preconiza curandeiros politicos; de repente nos investe do poder de construir e destruir, mas não nos dá, porque não póde, as precisas luzes. E' por isso, sr. presidente, que teuo de arredar dos muros da ainda não bem começada organização social do Brazil os repetidos golpes dos arietes, que contra elle avança o projecto de amnistia.»

Julguem os leirores da ignorancia e mediocridade da Assembléa, que provoca, ouve e merece esta pungitiva lição, e fiquem convencidos da arrogancia com que o orador exerce o officio de pedagogo.

Depois de algumas observações, continúa: «Eu mostrarei que o projecto é nocivo ao Brazil, porque: 1º é injusto na sua materia e fórmã; 2º, porque é impolitico nas circumstancias actuaes; 3º porque é perigoso pela discordia que tende a gerar entre a Assembléa e o poder executivo. E' afinal far-mehei cargo das razões com que o pretenderam justificar alguns nobres preopinantes e satisfarei, ao que me parece, as objecções suscitadas.»

O orador expende uma série de razões e de principios de direito criminal, concernentes ao delicto e á punição, e passa a tratar da fórmula do projecto de amnistia.

«Si o projecto é injusto em regra, como creio que fica demonstrado, muito mais o é na sua fórmula. A meu ver não cabe nas funcções a que nos limitamos.

Fomos escolhidos para fazer uma Constituição e só para isso é que nos escolheram; somos uma convenção *ad hoc*, não uma legislatura commum; as necessidades, porém, do Brazil, fizeram que ensanchassemos, talvez com injustificavel arbitrio, o poder, que só nos pertencia e que nos declarassemos competentes tambem para reformas indispensaveis e urgentes, além da Constituição. Ora em que ramo destas nossas attribuições, entrará o projecto de amnistia? Certamente não póde encartar em artigo constitucional. Poderá, porém, clas-

sificar-se como reforma indispensavel e urgente?»

O orador examina esta questão: enleia-se e perde-se num cardume de contradicções: ora dá a competencia e reconhece que tem a Assembléa Constituinte e Legislativa de votar projectos e decretar leis; ora uega-lhe e afirma essa competencia limitada e restricta á Constituição. Lembraremos que, nas primeiras sessões de maio, Antonio Carlos apresentou, entre outros projectos, um para revogação da lei dos procuradores das provincias; outro para organização dos governos e administrações provinciaes. Elle se esquece de que o decreto, convocando a Constituinte — manda conferir poderes para formar a Constituição e leis. A nação elegeu *uma Assembléa Constituinte e Legislativa*. Deixaremos de apurar as contradicções e illogismos em que o orador publicista caíu nesta materia. O que Antonio Carlos queria, porque couvinha ao ministerio de seu irmão, era destruir, a todo custo, o projecto de Martins Bastos, sustentado pelo padre Alencar e outros representantes não submissos ao poderio da *trindade andradina*.

Discorre a respeito da justiça e utilidade; dos perigos da impunidade; tenta evidenciar que não está o paiz no caso de exigir tal projecto, de todo ponto desnecessario.

«Vejamos, diz o orador, si é o nosso caso. Em regra as amnistias são concedidas no fim das revoluções ou das conquistas: o partido vencedor julga prudente adoçar a sorte do vencido, cicatrizar e não irritar as feridas que lhe fizera: é mesmo impossivel punir uma grande parte da nação sem ferir profundamente a sensibilidade humana pela multiplicidade de victimas, objectos de sua compaixão, sem mesmo a revoltar e pôr em risco a segurança geral.

«O perigo da impunidade é nenhum, porque o partido está subjugado: o mal do castigo é certo, por que a irritação existe. E' por isso que um barbaro Octaviano se converte em Augusto e trabalha por abafar na doçura do Imperador a crueldade de Triumviro; é por isso que um monstro de nossos dias — Robespierre — contava firmar-se no mando por meio duma geral amnistia e doçura. Mas são estas as nossas circumstancias? Acabou a nossa revolução? Nem ainda começou. A intelligencia lhe descortina ao longe a medonha catadura e o coração se encolhe de susto ao imaginal-a; não appareceu ainda, mas apparecerá por desgraça nossa. Talvez alguém diga que a amnistia a alogara no nascedouro. Homens illudidos! o remedio a propósito no fim da febre, quando a natureza exhausta pede estimulos,

será prudente na stenia, na erecção de todas as forças? Que fariamos nós com a amnistia enquanto as paixões não tiveram tempo de gastar-se; enquanto o mal soffrido não as póde ainda arrefecer e dar logar a que escutassem os conselhos da razão? Animal-as-íamos á acção e a formar em batalha todos os seus recursos com a vantagem de estarem instruidos pelos seus primeiros máus successos.

Amnistiar nestas circumstancias seria o mesmo que dizer: eia, bravos campeões da discordia — que temeis! Continuai a atacar a monarchia constitucional, que (embóra a nação queira) vós reprovais: se a ventura corôa os vossos esforços, sereis collocados no templo da gloria, sereis apreçados como paes da patria; e — devota a nação — ou por vontade, ou por força — queimará incenso ante vossas imagens. Se a desgraça porém atalhar os vossos passos, não vos assusteis; está prompta a amnistia, que cobrirá de eterno véo as vossas malfeitorias. Instruam-vos os máus successos a concertar melhor os vossos planos, a dirigir melhor a sua execução: machinai, machinai, até que emfim cáia por terra o governo que detestais. E' dirá isto um legislador? E' o que dirimos, si admittissemos a amnistia, mas é o que eu nunca aconselharei.

No actual estado de fermentação lançar na massa da nação um bando de pessôas desafeitas e de mais ulceradas pelos procedimentos que com elles se tem tido — é, a meu ver, loucura rematada. Demais não é um partido numeroso o que temos de punir, se fôr criminoso; são uns poucos de individuos e muito poucos; não ha risco de ferir profundamente a sensibilidade nacional, ainda quando rigorosa a pena que lhes imponha; não pôdem ser repetidos os exemplos do castigo.»

O orador váe analyze o 3º ponto que havia estabelecido, isto é, o perigo de discordia entre os poderes e o imperial, a que provavelmente dará logar a dopção do projecto.

Aqui, com singular astucia e sagacidade, procura captar a benevolencia do Imperador, compromettendo os sustentadores e propugnadores da amnistia. E' como que um intrigante que espera tirar vantagem do amor proprio e da paixão que d. Pedro sempre teve pelo poder absoluto. Os Andradas corromperam o espirito do Imperador, incutindo-lhe as idéas da omnipotencia do poder pessoal. Ora, d. Pedro educado na escola que lhe ensinava taes doutrinas, estava disposto a pratical-as e por isso os Andradas fôram victimas daquillo mesmo que ensinavam ao imperial discipulo. D. Pedro, ouvindo quanto diziam os seus mestres contra a Constitu-

inte, acabou comprehendendo a conveniência de nullificar semelhante Assembléa que pretendia coarctar-lhe o exercicio do poder, usurpando as suas attribuições de soberano e Defensor Perpetuo.

O orador prosegue: — « Sr. presidente, não concentramos, nem podemos concentrar todos os poderes, visto existir, antes de nós, um poder que até foi órgão da nossa convocação e cuja conservação junta com outras foi uma clausula explicita do nosso mandato: este poder tinha e deve ter attribuições que parecem invadidas pelo projecto de amnistia: querera elle mansamente abandonal-as sem lucta, sem contenda, sem disputa? Será prudente pôr a Assembléa sua paciencia á prova? »

Eu creio que o Imperador não recuzará promulgar a amnistia, se a decretarmos; estou muito convencido de sua bondade, do seu amor de paz e do bem do Brazil, para temer o contrario; mas, se por desgraça, entendesse o Imperador que se lhe invadiam attribuições que o bem da nação exigia que elle tivesse; que se lhe invadiam por quem não tinha a auctoridade para isto; se acreditasse, emfim, que a resistencia para sustentar sua dignidade era dever de consciencia e serviço do Brazil — qual seria o resultado? (4) As discordias civis no começo duma organização nem ainda bosquejada... Corramos o véo sobre futuro tão ominoso. Mereçamos o nome de paes da patria; não a empurremos o uma contenda tão inutil e perigosa. Si, pois, é injusto na materia e fórma; si é impolitico; se é perigoso o projecto da amnistia, como não rejeital-o? »

O orador disserta amplamente sobre os sentimentos de humanidade no povo — aggregado de seres sensiveis e pensa que a Divindade foi prodiga com o povo brasileiro. Pondera que, aléu da humanidade, o povo quer e ama a justiça. « E', exclama, e basta por prova o acto do povo atheniense que rejeitou, sem ouvir, o projecto de Themistocles, pelo ter qualificado de injusto, bem que util, Aristides, — a quem incumbira que o soubesse de Themistocles.

E' bom escutar a humanidade sem quebra da justiça.»

O orador cita as palavras de Pericles no tocante a condescendencia com os amigos; entende-as a humanidade em relação á justiça e, por um ultimo rasgo, querendo deslumbrar a maioria dos inexperientes, pronuncia com emphase as seguintes phrases gregas: *Dei me symprattein tois philois, alla mechrithon*. A admiração e entusiasmo dos noviços legisladores transpuzeram os derradeiros limites. O orador contemplou a sua obra e,

fingindo a satisfação do Creador no setimo dia das pomposas maravilhas da criação, vio que a sua obra era bôa e sorriu victorioso... E, com calculada arte, continúa a discorrer acerca dos crimes politicos; cita: *Des conspirations et de la justice politique; De la peine de mort en matiere politique*, do celebre Guizot. Refuta as objecções daquelles que opinavam que o castigo nos crimes politicos, em vez de abafar as conspirações, não as pôde estorvar.

Entra em longa demonstração. Expõe no pretorio parlamentar o *Demonio do Meio-dia*; procura exemplo na historia portugueza, flagella Vasconellos — *portuguez traidor e abastar*. *dado*: fala na revolução de 1640 e exclama: « Entre nós é o avesso, é um punhado de homens (se são provadas as accusações) que quer resistir á opinião geral; é a torrente da opinião geral que os afoga e será o seu castigo capaz de produzir revoluções, quando quasi poucos partilham as suas opiniões exaggeradas? Só quem delirar, dirá semelhante absurdo.

EUNAPIO DEIRÓ.

(1) Discutindo com o deputado Dias, mineiro — *Diario da Camara*.

(2) Vasari — *Peintres*.

(3) Palavras de Sainte-Beuve.

(4) O Imperador, intelligencia inculta nestes assumptos, ouvindo destas lições, foi preparando-se contra a Assembléa, e quando se deu o caso do boticario Pamplona, vibrou o golpe contra a Assembléa e Antonio Carlos colheu o producto do que semeou.

A LIVRARIA

« TREVA », LIVRO DE CONTOS POR COELHO NETTO — EDIÇÃO DA CASA GARNIER.

Coelho Netto é um grande *virtuoso* da prosa. Não conheço na litteratura brasileira outro que lhe seja superior na faculdade da expressão.

Seu cerebro é como um excellente *kodak*; por onde elle passa os olhos, váe automaticamente tomando *clichés* que lhe ficam para sempre, nitidos e fixos, como *platinotypias*, na memoria.

Desde a adolescencia que reside habitualmente no Rio de Janeiro; no emtanto, vê-se de seus livros que a vida nacional não tem segredos para elle. Conhece o sertão e a alma do sertanejo como conhecerá Botafogo, mais a fauna litterata e politica da rua do Ouvidor.

Com os quadros retém admiravelmente a nomenclatura das coisas, a linguagem dos homens; si houve oportunidade, até mesmo o *folk-lore* da região.

Ainda mais. Não regista excellantemente só o que viu, mas, como si

tivesse visto, o que apenas foi lido, não só no que se refere á paisagem em si, mas tambem á atmospheria, á característica secreta do local, e aos costumes, mais o modo de ser interior, de outras terras e de outras gentes.

Vê-se isso mais uma vez no primeiro conto, *Bom Jesus da Matta*, de *Treva*, seu 50º volume publicado outro dia. O capitulo inicial, bem longo, representa-nos a vida de um rapaz estudante em Coimbra, e á coimbrã, um brasileiro, filho de portuguez, que os paes mandam para o centro classico da prestigiosa vadiação e bilontragem reinól.

São paginas que Eça de Queiroz não faria melhor. Parece mesmo sentir-se vibrar a alma do espiritual e ironico açoriano naquelles nemorosos estudos peninsulares, porque elles são feitos á sua maneira, pantheista e diabolica a um tempo, com o seu desenho forte e as meias tintas melindrosas que tão esmeradamente espatulava.

Ao par dessas qualidades, uma facil e brilhante invenção, que não se fatiga nunca.

Si se trata de uma coisa de nónada, que pede duas palavras apenas, bem achadas, mas leves, ás vezes mesmo até levianas, si não esturdias, ahi vem as duas palavras representando a mais feliz e pertinente expressão.

Quando o objecto é de mais vulto e não deve ir sem uma pagina, porém essa bem trabalhada, afinal não dizendo muito, mas de modo que pela sua sonoridade e o seu brilho offusque a vista e adormente os espiritos, confundindo-se com uma apothecose, ninguém melhor do que Caliban poderá realizar esse milagre de chronica.

Si já se trata, no emtanto, de dar a um determinado assumpto desenvolvimento maior, as proporções de um conto, de uma conferencia, de uma scena theatral, ou já de uma novella, até mesmo de um romance, de um drama, parece que foi para esses trabalhos de mais responsabilidade, que demandam afinal outro pulso, e são a prova real do valor de um talento, que Coelho Netto justamente nasceu.

Não cessa de produzir. Na idade em que outros começam a assentar propriamente a penna, elle já publicou uma bibliotheca, conseguindo o *record* desse ponto de vista, creio eu que não só em relação aos seus contemporaneos como a todos os demais representantes da litteratura brasileira.

Diz-se que são as duras circunstancias de quem entre nós só vive da penna que o levam a isso, que elle é obrigado a não tomar folego, sendo-lhe ás vezes mesmo impossivel bem acabar o que faz.

Trabalhos seus conheço que indi-

cam essa lastimavel urgencia ; vê-se que fôram mais ou menos precipitadamente planejados ou que houve certo atropello na execução, quando não sejam as duas coisas ao mesmo tempo.

Mas ainda assim, Coelho Netto, pelo menos em coisas que assigne, jámais caíu na fancaria propriamente dita, que, como se sabe, é caracterizada pela falta de toda e qualquer nobreza de intenção intellectual da parte de um auctor.

Parece que não está nelle tornar-se réo de tal delicto. Julgo que seu cerebro já é uma machina automatica de fazer litteratura distincta; por mais que quizesse, parece que nunca poderia chegar a competir, na imprensa, com João Phoca ou a ser o nosso Montepin em litteratura.

Embora sempre dentro desses limites, a obra de Coelho Netto é entretanto muito desigual. Seu talento representa um veio d'agua perenne, mas que nem sempre encachoeira poderosamente.

Nenhuma obra assignada de seu punho conheço que deixe de offerecer um encanto qualquer; esse encanto, porém, ás vezes, é insufficiente para se tornar predominante no conjuncto das impressões.

Ora acontece que o livro, escripto com observação e cheio de movimento, livro serio nas suas intenções, descamba, no emtanto, do seu plano, estragado do meio para o fim por uma dissolvente, comprometedora galhofa, que desmoraliza a acção do romance, tirando solidez aos personagens, dando a tudo certo ar de comedia. Tive essa impressão, quando, ha muito tempo, li *A Conquista*, em folhetim de jornal.

Outras vezes, nomeadamente em obras suas de theatro, falseia-lhe a força para executar a obra á altura do plano, ás vezes muito lindo, de modo que os symbolicos personagens idéados meros symbolos ficam, sem a humanidade necessaria para produzirem athmosphera, para nos darem a illusão da vida.

A sua facil impressionabilidade e excepcional retentiva, não só para o que vê com os seus olhos, mas tambem para o que tenha podido apprehender apenas através da arte de um escriptor amado, completa-lhe, eu já o disse, o seu poder de evocação. Mas por isso mesmo taes paginas, como é bem o caso desse primeiro capitulo do *Bom Jesus da Matta*, produzem a impressão que cauzam as imitações em geral, impressão mais fraca, secundaria, de natureza.

Si não fossem esses senões e os que se devam attribuir ao atropello do trabalho, Coelho Netto seria um Briaréu em nossas letras. Sua obra, elevada

a um plano de seriedade e intensidade seguras, sustentando um estylo sempre inequivocamente proprio, e feita com tempo indispensavel para ser bem planejada em todas as suas partes, depois sufficientemente emendada e polida, seria a obra, não tem duvida, do mais poderoso escriptor nacional.

Como está, representa o grande esforço de um fertilissimo poeta da prosa, sempre estimavel e, ás vezes, na vardade surprehendente.

Elle ainda é um moço hoje em dia; ninguém sabe como será o seu *facies* definitivo. Porque a obra deste intrepido sonhador, apezar da linha sinuosa que descreve, váe em real, promissora ascendencia ainda. A prova disso se encontra neste seu ultimo volume.

O que se chama a idéa principal, o motivo de criação do primeiro na série e mais longo dos trabalhos que se contém neste livro, é uma idéa muito feliz.

Apenas a mim me parece que o auctor não planejou do melhor modo que convinha. Deu excessivo desenvolvimento á descripção dos factos circumstanciaes, pelo menos em desproporção com a parte em que entra no que se pôde chamar o assumpto propriamente dito.

Bom Jesus da Matta, que é como se intitula este conto, toma cento e vinte e oito paginas do livro, mas só da oitenta e oito em deante, isto é, apenas nas quarenta restantes, é que elle nos fala do que havia de principal a referir. Desse modo quando chega o desfecho, tem-se a sensação de que elle foi precipitado.

Além disso, a primeira parte, a das scenas passadas em Coimbra, ou nos seus arredores, é escripta num estylo tão differente daquelle que vamos conhecer depois no muito restante do trabalho, que não se pôde dar uma perfeita junção entre ella e as que se lhe seguem. Tem-se a illusão de que se trata de duas coisas distinctas mal soldadas agóra numa só. Commigo, pelo menos, assim se deu.

Dahi por deante, porém, tudo o mais que se encontra neste volume está executado com rara felicidade.

Sinto não poder, dentro dos limites de uma simples noticia, que é do que estas paginas devem ter o despretençioso character, falar mais largamente do livro, para referir-me, nem que fôsse de passagem, a cada um desses trabalhos.

Em todo caso não posso calar a minha admiração principalmente pelos dois ultimos de série, *Assombramento* e *Fertilidade*.

Paginas mais emocionaes, de melhor observação e mais bem feitas do que essas de *Assombramento*, eu não conheço. Não sei quem possa ler, sem

que se lhe marejem os olhos, aquella historia pungente inspirada si não na chronica da escravidão, ao menos nas possibilidades tragicas que ella ainda ha pouco offerecia em nossa terra. Em tudo e por tudo, o trabalho nos deixa uma forte impressão.

No emtanto, si acima do melhor ainda ha um gráu, para meu gosto superior a este é o trabalho seguinte, *Fertilidade*, com que fecha o volume. A criação do velho Matheus, tão difficil e tão bella, faz-nos lembrar de Balzac. Quem é capaz de produzir paginas como estas, ganha o direito de ser candidato a grande homem.

Eu tenho para mim que Coelho Netto está no numero daquelles que quanto mais vivem melhor amadurecem no que tem de mais transcendental.

Assim se dá frequentemente com os typos cuja existencia é representada por gestos e obras incessantes. Pouco tempo lhes sobra nessa perenne exteriorisação em que andam para attentar ao que se chama a vida interior. Antes procuram na atmospheria das idéas e sentimentos correntes da epocha elementos para suas obras, do que se resolvem a consultar-se demoradamente, seriamente a si proprios.

Só com o decorrer dos annos, quando a vida teve tempo de sitial-os em regra até fazel-os render-se a ella, e emfim dignarem-se a encaral-a e vel-a sob seus traços reaes, só ahí é que elles se completam, que se fórman homens no sentido mais alto da palavra e attingem a méta a que antes em vão aspiravam.

NUNES VIDAL.

BIBLIOGRAPHIA

— *Dies Iræ*, poema do sr. Emilio de Menezes a proposito da tragedia do *Aquidaban*. Só temos, por ora, que lamentar a abominavel edição em que o *Malho* publicou os bellos versos dolorosos do illustre artista.

— *Paginas* escolhidas dos membros da Academia, por João Ribeiro; dois vols.; edição da casa Garnier. Trata-se de uma collectanea de escriptos tirados de livros e das paginas dispersivas do jornal. Neste sentido, é grande o serviço da selecta, que afastou o risco de se perderem trechos — poucos é verdade — da prosa radiosa dos grandes jornalistas da Academia. Só isto é que dá utilidade á collectanea.

Entretanto, diz, no seu lindo prefacio, o eminente auctor, cujo espirito goza, nesta casa, de uma admiração sem solução de continuidade: «Pelas *Paginas Escolhidas* dentre as muitas que escreveram os socios da Academia Brasileira poder-se-á talvez ajuizar dos meritos, gloria e importancia da grande instituição e tambem do que, diga-se com lealdade, nella ha fraco, inhabil e juvenil. O que é realidade, pôde ser promessa; por isso, houve que escolher do melhor, e tambem houve que escolher do menos máu.» Como facilmente se vê, a razão é interessante, sem embargo da sympathia que nos sempre merecem os trabalhos do sr. João Ribeiro, que, neste, teve a excellente collaboração dos srs. Raymundo Corrêa, Mario de Alencar e Silva Ramos.

SCIENCIA E INDUSTRIA

*O automobilismo e a tracção animada.—
Augmento da producção de cavallos a
par do desenvolvimento de automoveis.*

Parece absurdo mas é uma verdade comprovada pelos factos conforme as observações de Lavalard, administrador delegado da Sociedade Geral de Omnibus de Paris, que o desenvolvimento dos meios mechanicos de locomoção provoca o augmento de motores animados.

A opinião mais acertada era que o augmento progressivo do automobilismo teria como consequencia necessaria a eliminação de cavallos e outros agentes da tracção animada.

O automobilismo gerou o habito das mobilisações frequentes e rapidas e, por isso mesmo, a necessidade de adquirir cavallos rapidos. A estatistica prova que o numero de cavallos creados em França, durante os ultimos annos é mais consideravel que outr'ora, e que o seu valor augmentou consideravelmente. No mercado de Paris, que é tambem o maior mercado

de automoveis, os cavallos estão sendo vendidos por 25 a 30 % mais do que nos ultimos dez annos.

A cidade de Londres foi uma das primeiras capitaes dotadas de omnibus automoveis, e a cavallaria dos omnibus, que era de dez a doze mil cavallos, se eleva a dezoito mil. Em Paris, a Companhia Geral dos omnibus, ha oito annos, antes do Metropolitano, possuia um effectivo de dez a onze mil cavallos, contando agora treze a quatorze mil.

O automobilismo, por sua vez, se desenvolveu em marcha progressiva consideravel, sinão extraordinaria. Os automoveis que em 1899 figuraram nas listas de contribuição com o algarismo de 1672, montaram em 1904 a 17.407.

O mesmo movimento se observa em outros paizes. A Inglaterra importou nos sete primeiros mezes do anno de 1905, 3857 automoveis, na importancia de 42.091.200 francos. Esse augmento teve o resultado de maior trafego de viajantes e consequente augmento de transporte pela tracção animada.

Em 1901, havia, em França, um pouco mais de tres milhões de cavallos; em 1902, cerca de 4.043.900; em 1904, esse algarismo se elevou a..... 4.227.850.

Prova isso que a industria pastoril não é attingida pelos melhoramentos dos meios de transporte mechanicos: os seus productos vão encontrando novas utilizações e melhorando sempre para corresponder ás necessidades supervenientes e ás transformações dos costumes.

Assim, o cavallo se foi adaptando, succesivamente, ás necessidades de cada epocha. O cavallo de torneio passou a ser cavallo de sella, os de diligencias tambem tiveram nova utilidade depois da apparição dos caminhos. O carneiro merino, muito em voga no principio do seculo XIX, como productor de lã, foi depois aperfeiçoado como fornecedor de carne. O cavallo, o mais aperfeiçoado dos motores animados, não excluiu o burro, o boi.

E' evidente que a conclusão de Lavalard não é paradoxal.

Quadro estatistico relativo á porcentagem, sobre o computo geral, das differentes affecções nervosas e mentaes observadas em 1938 alienados recolhidos no Hospicio Nacional de Alienados e Colonias, durante o anno de 1905.

DOENÇAS MENTAES	EM 758 MULHERES		EM 1180 HOMENS		EM 1938 ALIENADOS	
	Numero	%	Numero	%	Numero	%
Idiotia	11	1,4	21	1,7	32	1,6
Imbecilidade	20	2,6	63	5,3	83	4,2
Debilidade mental.	13	1,7	35	2,9	48	2,4
Neurasthenia	5	0,4	5	0,2
Hysteria	233	30,7	1	0,08	234	12,0
Epilepsia	74	9,7	123	10,4	197	10,1
Estados psychopaticos, degeneração	12	1,5	62	5,2	74	3,8
Paranoia	4	0,5	6	0,5	10	0,5
Psychose toxica, alcoolismo.. .. .	112	14,7	385	32,5	497	25,6
» de esgotamento (delirio de colapso e anentia)	23	3,0	4	0,3	27	1,3
» puerperal	2	0,2	2	0,01
» infectuosas : syphilis	13	1,1	13	0,6
»	1	0,08	1	0,005
»	1	0,08	2	0,001
Loucura maniaco-depressiva	48	4,0	48	2,4
Idem : lypemania predominante	23	3,0	13	1,1	36	1,8
» mania	9	1,1	8	0,6	17	0,8
PSYCHOSES DO PERIODO DE INVOLUÇÃO						
a) melancolia de involução	38	5,0	27	1,4	65	3,3
b) delirio de queixumes	2	0,16	2	0,01
c) demencia senil.. .. .	24	3,1	12	1,01	36	1,8
Demencia precoce.. .. .	46	6,0	137	11,6	183	9,4
» paranoide	20	2,6	35	2,9	55	2,8
» terminal	52	6,8	51	4,3	103	5,3
Paralysisa geral	46	3,8	46	2,3
Esclerose em placas	2	0,16	2	0,01
Tabes dorsalis..	1	0,08	1	0,005
Esclerose cerebral	5	0,6	8	0,6	13	0,6
Não alienados.. .. .	6	0,7	14	1,1	20	1,0
Fallecidos em observação	14	1,8	4	0,3	18	0,9
Ficaram	16	2,1	52	4,4	68	3,5
Total.. .. .	758		1180		1938	

O petroleo—Suas applicações como desinfectante — Generalisação do seu emprego na medicina domestica.

De simples meio de illuminação barata, de lubrificador, o petroleo está sendo elevado á dignidade de agente therapeutico de primeira ordem. O dr. Bonnal o recommenda como antiseptico no tratamento das feridas por traumatismo. Lavada a ferida com agua fervida, é ella coberta com uma camada de gaze esterilizada; por cima, se applica uma pasta de algodão ligeiramente imbebida de petroleo, e, para evitar a evaporação rapida, envolve-se tudo em outra camada de algodão espessa. A menos que se trate de um traumatismo grave, que demanda desinfectação energica e rapida, é preciso evitar o contacto directo do petroleo sobre a ferida, o que provocaria dôr e erythema. E' conveniente advertir que, si a ferida fôr pensada durante a noite, é prudente afastar do sitio da operação lampadas de petroleo.

Os oleos que teem a base no petroleo, vaselinas empregadas em bicyclettas participam tambem de propriedade antiseptica, mas são menos puras e assejadas. Produzem maravilhoso effeito nas contusões, nas bossas sanguineas.

O petroleo, entre nós, está, ha muito, introduzido na ordem das panacéas familiares com applicações diversas ás affecções da pelle, rheumatismos, queimaduras e outros frequentes traumatismos do serviço domestico.



O ALMIRANTE (76)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPÍTULO XXVI

Ella saíu, tacteando, apoiando-se nos moveis, disfarçados no lusco-fusco, e foi desafogar o seio oppresso recostando-se no balcão que dava para o parque, cujo arvoredo se movia mansamente, adquirindo fórmas phantasticas, o estranho debucho de coisas monstruosas que a ameaçavam, symbolizando a duvida cruel, as incertezas pavorosas, o cruel remorso.

A noite calida, o céu negro polvilhado de estrellas como que espreitavam compassivos a immensa dôr daquella creatura agrilhoadá ao dever absurdo. E ao arfar da folhagem agitada pelas brisas marinhas, se confundiram os soluços do pranto que desbordava do maguado coração de Hortencia.

Amelia teimára em regressar com Laura á casa paterna. Fôra uma tortura superior á sua extraordinaria energia ficar no palacio alguns metros

distante do sitio em que se realizava o iniquo sacrificio da irmã, ligando-a á sorte de um moribundo. Arrastada por essa essa irrisistivel attracção das coisas horriveis, ella subia aos aposentos do sobrado do palacio, espreitou, occulta nas cortinas, a larga janella ogival da biblioteca, procurando divizar, atravéz dos bellos vitraes illuminados, a scena do casamento, como si anhelasse soffrer a suprema dôr de ver roubarem-lhe para sempre o bem amado. Apenas sombras fugitivas, sem contorno definido, atravessavam os espaços, cujo colorido se destacava na sombra inflammado com uns soberbos toques de luz crepuscular. E no desespero de não apprehender a visão desejada, seus olhos reventaram em pranto.

Mas... era forçoso fazer as honras da casa, presidir o jantar, receber as pessôas que accorriam em busca de noticias de Oscar. Amelia concertou no quarto da marquezia, a sua *toilette*, empregou os disfarces da casquilhece para apagar dos olhos rubros, das faces afogueadas, o vestigio das lagrimas.

Quando o padre Paulo viera em busca do jantar, tanto lhe havia estimulado o apetite a dobadura daquelle dia e o empenho de preparar aquella alminha querida para comparecer perante Deus sem a horrenda macula do peccado mortal, que Amelia o recebeu com um movimento de repugnancia. Inspirava-lhe incoercivel aversãoquelle homem que, em nome de Deus, abusando do prestigio sagrado do seu ministerio, realizára a infamissima mercancia daquelle união de conveniencia, de negocio.

— Está, graças a Deus—disse o padre, num tom de mystica satisfação—feito o casamento. Nosso Senhor deu forças ao enfermo para que o sacramento fôsse completo..

— O sr. não tem remorso?—inquiriu Amelia, calcando nas palavras como si quizesse craval-as no padre.

— Remorso? Eu?!—exclamou elle, num meigo tom de candida surpresa—Nada tenho a pezar-me na consciencia. Para chegar aos meus justos, aos meus piedosos fins, procurei primeiro o caminho do coração, depois o da conveniencia. Encontrei fechadas as portas do seu coração, occupado por um amor que não ouzou affrontar o sacrificio dessa extrema consolação ao ente querido; a senhora recuzou formalmente, qualificando de sacrilegio o casamento *in-extremis*. Deante da sua recusa, eu me resignei a procurar outros meios. E aquillo que o seu amor rejeitou a gratidão de Hortencia accitou sem hesitação.

Amelia contorcia-se inquieta, como si as palavras do sacerdote lhe queimasse as entranhas.

— Eu bem sei—continuou elle—que a bôa Ameliasinha foi sempre muito voluntariosa, dominada por uma grande dôse de amor proprio, de independencia, de uns falsos melindres que constituem a desventura das mulheres que se pretendem superpôr ás contingencias do seu sexo, ás imposições naturaes do seu destino. Consequencia de educação, de temperamento, descuido de cultivo religioso. Sem essa situação anomala da sua alma, a minha proposta seria a coisa mais natural deste mundo; mas a senhora recuzou...

— E não me arrependo—affirmou Amelia, com energia.

— Prova de mais do que acabo de dizer. Nós, sacerdotes, sabemos ler nos profundos refolhos das almas, nesses olhos maguados, nesse peito que está arfando inquieto... Socegue que não pretendo excitar as suas reconditas maguas. Não me queira mal por ter sido o instrumento da consolação que a senhora recuzou ao pobre Oscar.

— Era impossivel—murmurou Amelia, com soluços na vóz.

— Imagine, minha filha, que Deus recompensasse o abnegado sacrificio do seu amor, restituindo a saude a Oscar... Imagine...

— Oscar me desprezaria como exploradora da sua fraqueza.

— Engana-se. A gratidão se allia ao amor para tornal-o mais forte. Eu não tenho, infelizmente, a menor illusão sobre o estado d'elle; o pobresinho está perdido; sómente um milagre de Deus poderia salvá-lo...

Amelia suspirou alliviada como si lhe desopprimisse o coração a certeza da morte de Oscar. Ella estremecia transida de terror á idéa dessa hypothese inverosimil, a resurreição d'elle, occupando a posição de marido junto de Hortencia, armando-se, adorando-se, talvez, ou desilludidos, arrependidos, chumbados á mesma corrente inquebrantavel como dois cumplices que se detestam. Seria horrivel testemunhar todos os dias, a toda hora, esse spectaculo mortificante.

Os olhos placidos do padre contemplavam Amelia com paternal ternura; liam claramente as perepicias da lucta que se travava no seu coração.

— O que está feito é irremediavel—concluiu elle—Deus proverá para amenizar as consequencias da sua resolução imponderada, minha filha. Resigne-se a essa situação, que é obra sua e accarrete toda a responsabilidade do seu acto. Reccorra á oração, peça a Nossa Senhora, que é a piedosa mãe dos afflictos, lhe assista nesses transes. E a resignação virá, como um balsamo suavissimo, retemperar as fortissimas fibras do seu caracter de mulher forte...

Penetrada pela ternura do padre, Amelia ouviu-o subjugada, mas não convencida. De resto, ella não lhe podia perdoar o crime de perpetrar aquelle sacrilegio em que fôram immolados dois corações, crime que elle considerava, do seu ponto de vista, uma obra de caridade um acto meritorio.

Depois do jantar, Amelia communicou a d. Eugenia a resolução de partir com a irmã. Não podia mais supportar a mascara que afevelára ao rosto; não podia esconder de Laura, que a contemplava compassiva, cheia de espanto, as lagrimas, sem comprehender aquelle tormento de soffrer a mais cruciante das dôres, aphyxiando os gemidos. Ella estava fatigada, não podia prestar serviços. Em casa, estaria afastada daquella impressão continua de susto, da afflicção causada pela sorte de Oscar. E partiu como quem deixa um sitio maldito, lançando um derradeiro olhar saudoso ao *chatô*, o peito desobstruido por um longo suspiro, quando a carruagem transpoz o largo portão do palacio.

Pelo caminho, Laura, comovida pelo silencio da irmã, dirigiu-lhe ingenuas palavras de consolação, commentou o casamento de Oscar. Ella não comprehendia aquillo, não sabia que era possível cazar uma creatura ás portas da morte e lamentava a sorte de Hortencia, obrigada a pagar tão caro a imprudencia de comprometter a vida de Oscar.

— Eu peusei que tu serias a noiva; pensei que tu gostavas d'elle — observou ella — Porque não cazaste com elle? Olha, eu si gostasse de um homem, seria capaz de tudo, seria capaz de confessal-o francamente, porque eu acho que não fica mal amar...

— Tu nunca amaste... — murmurou Amelia, depois de longa pausa.

— Eu? — acudiu Laura, enleuada — Quem te disse que eu nunca amei...

Amelia voltou-se para a irmã num movimento de surpresa.

O carro parou, interrompendo a confidencia iniciada. Em vão, Amelia, enquanto mudavam de *toilette*, insistiu para que a irmã lhe contasse o seu mysterioso romance, a historia daquelle amor que ella, com as suas maneiras ingenuas, innocentes, pudera disfarçar á sua experiencia de irmã mais velha.

— Disse isto por dizer — affirmou Laura, esquivando-se á investigação da irmã — Foi uma tolice... Eu não acredito no amor. No dia em que papae e mamãe quizerem, eu cazarei com quem elles indicarem. Por hora, não penso nisso. A minha vez virá. Eu não esperarei a tua idade...

E mudando rapidamente de assumpto, continuou:

— Fiquei muito satisfeita com a tua

resolução de deixarmos o palacio. Eu estava alli pelos cabellos; atormentada por uma tristeza que me maguava. Aqui estaremos em liberdade... Além disso, percebi que estavas comovida. E o Sergio de Lima que não appareceu!... Estará doente? é amigo de Oscar...

— O Sergio — observou Amelia — está todo entregue á politica...

— Quem sabe si não ficou despeitado com o casamento de Hortencia.

— Porque?

— Pois não sabes que elles se gostavam desde que se encontraram na fazenda da marquezia?

— Eram amigos, estimavam-se; não duvido que houvesse entre elles uma sympathia reciproca. Dahi para o amor...

— E Dolores?...

— Dolores saíu indisposta. E' bem provavel que esteja doente. Do contrario, estaria, ao menos por irrisistivel curiosidade, em casa da marquezia. Ella gosta dos casos sensacionais...

— Pensas, então — perguntou Laura, depois de pequena pausa — que o Sergio não ama Hortencia?

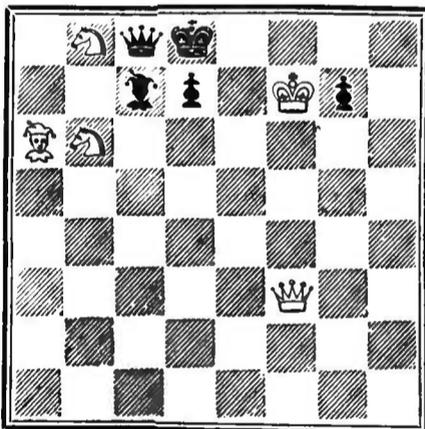
— Porque insiste nisso? — inquiriu Amelia, fitando-a nos grandes olhos limpidos.

— Simples curiosidade.

(Continúa)

XADREZ

PROBLEMA N. 43
A. Fraissé
PRETAS (5)



BRANCAS (5)
Mate em dois lances

**

PARTIDA N. 45

(Jogada no torneio do Club de São Paulo, 1905)

GAMBITO DA DAMA

Branças		Pretas
(M. Levy)		(F. Godoy)
P 4 D	— 1 —	P 4 D
P 4 B D	— 2 —	P × P (a)
P 3 R	— 3 —	P 4 R
B × P	— 4 —	P × P
C 3 B R	— 5 —	C 3 B R
D 3 C	— 6 —	D 2 R
Roque (b)	— 7 —	C 5 R (c)

P × P	— 8 —	P 4 B R
T 1 R	— 9 —	D 5 C? (d)
B 7 B x	— 10 —	R 1 D (e)
B 5 C x	— 11 —	C × B (f)
T 8 R x	— 12 —	R 2 D
C 5 R x	— 13 —	R 3 D
D 5 D mate	— 14 —	

**

(a) Tudo sacrifico á moda: ha pouco tempo, considerava-se um erro ou méra fantasia acceitar o gambito da Dama; hoje, novamente esta acceitação está em moda.

Assim o lance do texto não é arrojado.

(b) Excellente lance.

(c) As pretas deveriam jogar f... P 6 R, para evitar 8 — P × P, que é fortissimo.

(d) Este lance é inexplicavel. O R preto fica evidentemente indefeizo e não é preciso grande argucia para prever mate em poucos lances.

(e) Si 10... R 2 R, ou R 2 D, mate em dois lances.

(f) Si 11... C 3 B R, mate em dois lances.

**

Tacito. — Si nos tivesse dado os nomes que se occultam em Calita, não lh'o mandaríamos pedir, é claro, principalmente por serem as mesmas pessoas que teem assignado outros problemas, com outros pseudonymos.

Bem sabe quanto nos é preciosa a collaboração com que nos tem honrado, e esperamos que as nossas observações não nos privem della.

**

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 42 (Calita):
1 — R 3 B, P 8 C (f. c); 2 — B 4 B, R × P;
3 — B 3 C mate. 1... P 8 C (f. D. T. ou B);
2 — C 4 B R, ad libitum; 3 — C 3 D mate.

JOSÉ GETULIO.

A imprensa diaria publicou, no dia 2 deste mez, um telegramma de Paris, que nos transmittiu os pontos essenciaes de um artigo em que o sr. Méline, «tratando da questão de Marrocos, prevê que os allemães farão alli a mesma politica de lenta e inevitavel infiltração que teem feito no Brazil, cuja conquista pacifica não lhe parece mais que uma simples questão de tempo. Os allemães, aliás, accrescenta o notavel articulista, não se dão mais ao trabalho de dissimular essa obra de absorpção e as suas obras definitivas sobre o grande paiz sul-americano.»

Alludimos a este despacho com a intenção de levar o publico á leitura dos artigos do sr. Sylvio Roméro, publicados nos num. 69, 70 e 71 dos *Annaes*. Ahi, o leitor encontrará, largamente desenvolvida, a materia de que tratou o sr. Méline.

Os artigos do nosso eminente collaborador revelam um longo tirocinio de observações pacientes, meditadas, ao serviço das idéas que expendeu com tanto criterio e superioridade.

Parece que não erramos dizendo que, a proposito do verdadeiro *perigo allemão*, nada se escreveu, entre nós, que valha esses escriptos do grande trabalhador.

**

Está em nosso poder uma carta do sr. Sylvio Roméro ao sr. Walfrido Ribeiro, secretario desta revista, a proposito da carta do sr. Bomfim, publicada no num. 74 dos *Annaes*. Publical-a-emos no proximo numero.

BOABDIL

Doira dos céos a luz ardente e vasta
Os altos minaretes coruscantes,
E o soberbo Xenil a nympha arrasta
Por entre as longas margens verdejantes.

No cimo do Padul que o sol devasta,
Jaz Boabdil nos braços arquejantes
Da sultana Aixá, sua mãe tão casta
Tão meiga e triste como fôra dantes.

E ella disse a corar : — Meu filho, chora !...
O reino de teu pae já está perdido.
Tu... não soubeste defendel-o agóra !...

Conquistou-lhes Fernando a patria amada.
O Alhambra emmudeceu. E o rei vencido,
Curvando a fronte murmurou:—Granada !....

* *

MARTYRIO

Na gelada aridez do Caucaso tremendo
Pragueja Prometheus queixando-se do Fado ;
Vê-se em ferrea cadeia, indomito, algemado,
E váe-lhe um negro abutre o figado roendo.

E quanto mais no monte o passaro estupendo,
Faminto lhe esphacela o figado magoado ;
Mais este váe crescendo, e o immovel desgraçad,
Cada vez mais raivoso, estorce-se gemendo.

Tal a surda paixão que soffro ha tantos annos,
Já me váe neste inferno aos poucos destruindo
O exausto coração que murcha aos desenganos.

Mas Hercules salvára a Prometheus, sorrindo...
E o mal que me devora excede aos mais tyrannos,
E para o amor eterno—um soffrimento infindo !...

* *

ARIANA

Corre a tremer de susto ás praias soluçantes
A formosa Ariana em lagrimas bramindo,
E, de Naxos, contempla a nave em que fugindo
Segue o joven Theseu que a idolatrava dantes,

Já no azuleo horizonte as velas branquejantes
Vão sem luz, pouco a pouco, aligeras sumindo ;
Descamba o sol no occaso ; e o mar sonhando, infindo,
Psalmodeia a rugir seus lugubres descantes.

Põe-se a bella a carpir a dôr que se avoluma,
E as perolas do pranto em christallinas bagas
Sobre os rudes parceis caíram-lhe uma a uma.

E ella a sentir no peito o horror de tantas chagas,
Considera a fortuna errante coma a espuma
Que váe de onda em onda arremessar-se ás fragas.

Rio—1906

IGNACIO RAPOSO.

SAMARITANA

A JOSÉ POMPEU

Samaritana, Samaritana,
Eu vou morrer !
Secca-me o peito uma sêde insana,
Samaritana, Samaritana,
Quero beber !

Eu tenho sêde, Samaritana !
Morro de dôr !
Eu tenho sêde, meiga serrana,
Eu tenho sêde, Samaritana,
Do teu amor !

Ardem-me os labios : vem tu molhal-os !
Vem tu, por Deus !
Samaritana, vem refrescal-os,
Ardem-me os labios, vem tu molhal-os
Com os beijos teus !

Não me abandones, Samaritana,
Neste soffrer !
Vem tu matar-me a sêde insana ;
Não me abandones Samaritana
Dá-me a beber !

Dá-me do cant'ro dos labios teus
A gotta unguida
Ai ! santo orvalho que vem dos Céus !
Dá-me do cant'ro dos labios teus,
Num beijo, a vida !

Eu tenho sêde, Samaritana,
Morro de dôr !
Mata-me a sêde, meiga serrana !
Eu tenho sêde, Samaritana,
Do teu amor !

1906.

J. BENEDICTO COHEN.

PROBLEMA INSOLUVEL

Explende o sol ; por tudo uma alegria
Corre enorme e vibrante e invade tudo ;
Foite, o amor, por aqui, por alli, fia
A cadeia da Vida, doce ou rudo.

De cada corpo um novo corpo cria,
No trabalho incessante e eterno e mudo,
A materia immortal, por essa via
— O infinito — sem broca e sem escudo.

Mas, quanto mais esta alegria invade
Quanto me cerca e junto a mim se move ;
Sinto a tortura, informe e innominada,

Do pensamento, em triste soledade,
A perguntar-me onde se encontre e prove,
Qual a primeira força, si houve o nada !

Rio, 1905.

OCTAVIO GUIMARÃES.